



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia

Trabalho de Conclusão de Licenciatura
apresentado como requisito para a defesa
do Trabalho de Conclusão de Licenciatura,
com vistas à obtenção do título de
Licenciada em Ciências Sociais.

Acadêmica: Natália Fonseca de Abreu
Rangel

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marcia da Silva
Mazon

Florianópolis, junho de 2017.

Natália Fonseca de Abreu Rangel

REDES DA INTERNET COMO MEIO EDUCATIVO SOBRE GORDOFOBIA

Trabalho de Conclusão de Licenciatura submetido
ao curso de Ciências Sociais da Universidade
Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau
de Licenciada em Ciências Sociais

Orientadora: Prof^ª Dra. Marcia da Silva Mazon

**Florianópolis
2017**

Natália Fonseca de Abreu Rangel

REDES DA INTERNET COMO MEIO EDUCATIVO SOBRE GORDOFOBIA

Este Trabalho de Conclusão de Licenciatura foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Ciências Sociais”, e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 7 de julho de 2017.

Prof. Tiago Bahia Losso, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora

Prof.^a Marcia da Silva Mazon,
Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de
Santa Catarina

Prof.^a Eizabeth Farias da
Silva, Dr.^a
Universidade Federal de
Santa Catarina

Prof. Rodrigo Otávio Moretti
Pires, Dr.
Universidade Federal de
Santa Catarina

Prof.^a Bárbara Michele
Amorim, Mestra
Orientadora
Universidade Federal de
Santa Catarina

Dedicatória

Para Renata.

E por um mundo que ainda está por vir, que vai merecer que outras Renatas vivam.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Marcia Mazon e às mulheres gordas (e uma magra) entrevistadas que se propuseram a dialogar tão prontamente e atenciosamente.

À minha família, meu namorado, minhas/meus amigas/amigos e ao Zeus.

Resumo

O presente trabalho analisa como funcionam e como são formadas as redes da internet que informam sobre gordofobia, buscando entender seu potencial educacional bem como sua capacidade de gerar ativismo.

Há contextualização dos movimentos que ocorreram no campo da saúde e no campo feminista em que a discussão sobre o corpo da mulher vem sendo aprofundada. Entende-se que o momento atual, que propicia a consolidação da luta contra a gordofobia, pode ser reconhecido como o que Sonia E. Alvarez classificou como o terceiro momento¹ da trajetória feminista latinoamericana, o “*sidestreaming*”, ampliando o fluxo horizontal de discursos e práticas de feminismos mais diversos e plurais.

Foi realizada a análise de conteúdo de 8 páginas virtuais sendo elas divididas em páginas de rede social (*Facebook*), grupo de rede social, blog e site. Foram entrevistadas oito mulheres ciberativistas responsáveis por gerar conteúdo para as páginas virtuais.

Ao analisar o conteúdo das páginas virtuais, o mesmo foi dividido em 4 categorias: estética, saúde, acessibilidade e trabalho.

São explorados os recursos didáticos que a internet proporciona, refletindo sobre as potencialidades e significados dessa educação a partir dos conceitos de desescolarização de Ivan Illich (1985) e de rede de Manuel Castells (1999; 2015; 2017), sendo este o cerne deste trabalho.

Palavras-chave: gordofobia, educação, internet, feminismos, ativismo.

¹ O primeiro momento é o “centramento” em que o feminismo está no singular e o segundo momento é o de “*mainstreaming*” e de “descentramento” em que ocorre a pluralização dos feminismos e do gênero. (ALVAREZ, 2014).

Abstract

The present work analyzes how the internet networks that inform about fatphobia are formed, seeking to understand their educational potential as well as their capacity to generate activism. There is a contextualization of the movements that have occurred in the health field and in the feminist field in which the discussion about women's body has been deepened. It is understood that the current moment, which favors fight against fatphobia consolidation, can be recognized as what Sonia E. Alvarez (2015) classified as the third moment of the Latin American feminist trajectory, sidestreaming, increasing the horizontal flow of speeches and practices of more diverse and plural feminisms.. A content analysis of 8 virtual pages was performed, divided into social network pages (Facebook), social networking group, blog and website. Eight cyber-feminist women responsible for generating content for the virtual pages were interviewed. When analyzing the content of the virtual pages, it was divided into 4 categories: aesthetics, health, accessibility and work. The didactic resources provided by the Internet are explored, reflecting on the potentialities and meanings of this education, based on the concepts of Ivan Illich's deschooling(1985) and Manuel Castell's network (1999; 2015; 2017), which is the core of this work.

Key-words: fatphobia, education, internet, feminisms, activism.

La iglesia dice: el cuerpo es una culpa
La ciencia dice: el cuerpo es una máquina
La publicidad dice: el cuerpo es un negocio
El cuerpo dice: yo soy una fiesta.

Eduardo Galeano

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Metodologia.....	13
3. Objetivos.....	18
3.1 Objetivo geral.....	18
3.2 Objetivos específicos.....	18
4. Problema.....	19
4.1 Gordofobia.....	19
4.2 Internet e educação.....	25
4.2.1 O que são as redes?.....	25
4.2.2 O que são as teias educacionais?.....	27
5. Análise de conteúdo.....	30
5.1 Feminismo e as autoras.....	34
5.2 Sobre feminismos.....	35
6. Temas frequentes das páginas virtuais anti-gordofobia e a troca de saberes.....	41
6.1 Saúde.....	41
6.2 Recursos didáticos utilizados e outros temas frequentes (beleza, acessibilidade e trabalho).....	51
7. Sobre educação, conhecimento, informação nas páginas sobre a temática de direitos das mulheres gordas internet.....	71
8. Da informação ao ativismo.....	76
9. Conclusão.....	81
10. Referências.....	84
11. Apêndices.....	88

1. Introdução

Refletir sobre a temática do Trabalho de Conclusão de Licenciatura é refletir sobre os novos desafios na educação, sobre seus problemas e possibilidades.

Estudei a questão urbana durante todo o bacharelado em Ciências Sociais, e, por lazer e interesse pessoal (entendendo como lazer uma atividade que não implica responsabilidades ou obrigações) busquei a leitura de estudos nutricionais, psicológicos e comportamentais sobre representações corporais, transtornos alimentares e gordofobia.

Este interesse vem se desenvolvendo e o que era um *hobby* passou a ser parte de militância pessoal atrelada ao feminismo. Foi desta experiência autoeducativa² que surgiu a ideia de explorar o encontro da educação com a gordofobia, de forma a desenvolver sociologicamente esta problemática mais presente atualmente nas Ciências da Saúde e ainda embrionária nas Ciências Sociais brasileiras, apesar de a Antropologia e a Sociologia já terem tradição no estudo dos corpos.

Meu objetivo foi identificar os temas centrais que são desenvolvidos sobre gordofobia na internet e analisar como ocorre a troca de conhecimento nas redes de comunicação da internet para compreender o alcance deste meio educativo em relação à gordofobia.

Com o desenvolvimento das tecnologias em que se pode usar o recurso da internet em computadores (*desktops, laptops, ultrabooks, etc.*), celulares (principalmente smartphones), *ipads, kindles, etc.* atrelado ao aumento do poder de compra no Brasil via acesso aos programas de crédito (em especial o parcelamento de pagamentos) há, cada vez mais, o aumento da portabilidade de aparelhos eletrônicos em que há internet, bem como o aumento da utilização de mecanismos de pesquisa por meio da internet. Desta forma, é possível que uma pessoa, no mesmo momento em que se depara com uma dúvida no dia-a-dia, resolva seu questionamento em tempo real, de forma instantânea. Castells (2015, “Entrevista Manuel Castells: internet e inclusão social”) aponta para essa portabilidade da internet e acrescenta que a maior parte das pessoas brasileiras com menos de 30 anos têm um smartphone independentemente de sua classe social devido à importância e relevância que este aparelho tem sobre outros bens de consumo. Castells (2015, “Entrevista Manuel Castells: internet e inclusão

² Entendendo que a prática autoeducativa também faz parte de uma construção coletiva.

social”) coloca que “a brecha digital é, principalmente uma brecha de idade”, apontando para o dado de que entre pessoas com menos de 40 anos há 75% de acesso à internet.

As relações entre ser humano e informação são transformadas por meio das transformações tecnológicas recentes. Há influência no aprendizado educacional convencional e formal, sendo este tema de pesquisas na área da educação (MATOS & PINEL, 2012; COSTA & ABREU, 2006; SANCHO, 2002).

Para refletir sobre a questão da educação, em especial, processos educativos que ocorrem fora do ambiente escolar, faço reflexões à luz das ideias do filósofo e pedagogo austríaco Ivan Illich, um crítico à educação escolarizada que via na desescolarização não apenas da educação, mas da sociedade como um todo, o único caminho possível para uma educação livre e crítica. Seus escritos demonstram preocupação não só com a educação, mas com os rumos da sociedade de consumo como um todo, partindo de uma perspectiva que leva em consideração os países considerados “subdesenvolvidos”, revelando preocupação especial com a América Latina e diálogo com um dos maiores pensadores em educação do Brasil, Paulo Freire.

Como professora em formação, é um dever a reflexão sobre o aprendizado e a escola da forma como se estruturam no Brasil a partir das instituições educacionais públicas e privadas. Uma das premissas básicas para a educação formal é a inserção desde a faixa etária infantil nas escolas. As escolas brasileiras de maneira geral, funcionam a partir do que Paulo Freire (2014) chamou de “educação bancária”. Este tipo de educação implica a aprendizagem em sala de aula em que há a divisão clara entre professor/a e alunos/as, sendo estes papéis incorporados de maneira que o/a professor/a tem o papel de detentor/a do conhecimento e os/as alunos/as aprenderiam esse conhecimento a partir de aulas expositivas a pela organização deste/a professor/a do conteúdo tendo por base um currículo escolar estruturado a partir de diretrizes nacionais. Na escola, hierarquizada, ocorre a socialização formal.

Isto ocorre da educação infantil até a educação de nível superior com raras exceções. Com a insatisfação que grande número de jovens demonstra por meio do que é tido como insubordinação em sala de aula ou em casos mais extremos o abandono³ do

³ “Um a cada quatro alunos que inicia o ensino fundamental no Brasil abandona a escola antes de completar a última série. É o que indica o Relatório de Desenvolvimento 2012, divulgado pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Com a taxa de 24,3%, o Brasil tem a terceira maior taxa de abandono escolar entre os 100 países com maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), só atrás da Bósnia Herzegovina (26,8%) e das ilhas de São Cristovam e Névis, no Caribe

ensino formal mesmo entendendo a relevância de conclusão desse ensino para inserção no mercado de trabalho formal, é necessário que se discuta profundamente o papel da escola na sociedade, e, principalmente, o papel da escola em relação à aprendizagem e à educação. Para isso é preciso discutir o currículo (material e oculto), a forma pela qual se estrutura o ensino nas instituições públicas e privadas, a burocratização do sistema de ensino formal, os interesses e motivações das pessoas inscritas nas instituições escolares formais, entre tantos outros assuntos que concernem à educação em âmbitos econômicos, políticos e socioculturais.

Neste trabalho é realizada a reflexão sobre um ambiente educacional não-convencional: a internet. Para tal utilizo o conceito de redes e os estudos sobre internet do sociólogo espanhol Manuel Castells (1999; 2013; 2014; 2015) para entender de que forma se engendram os grupos *on-line* bem como a potencialidade da internet para gerar ativismo a partir da obra “Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet” (2013).

O estudo de caso específico para propor essa reflexão se dá a partir de um grupo de organização recente no Brasil: o grupo das mulheres gordas. Por tratar-se de um grupo de organização recente e de encontro proporcionado principalmente pela internet, busca-se delinear de que forma se consolidam os temas principais de discussão das pautas de reivindicação das mulheres gordas contra a gordofobia, de que forma o grupo aumenta e de que forma se constrói o conhecimento sobre assuntos relacionados à gordura corporal a partir dessa construção coletiva.

Contextualizo a problemática sobre a qual se desenvolve esta pesquisa e respondo e reflito sobre as seguintes questões: Quem são as autoras que utilizam o conceito gordofobia e como o mobilizam? Como ocorre a troca de saberes sobre esse tema na internet?

A hipótese deste trabalho é de que a internet pode funcionar como um mecanismo de desescolarização do conhecimento e da imaginação a partir da criação de redes que discutem temas de interesse mútuo de forma espontânea e contestam o saber escolarizado.

(26,5%).” Disponível em: <http://www.ufjf.br/ladem/2013/03/15/brasil-tem-3%C2%AA-maior-taxa-de-evasao-escolar-entre-100-paises-diz-pnud/> Acesso em 10 mai 2017.

2. Metodologia

Quando do início deste trabalho em 2015, não havia tantas páginas na internet falando sobre gordofobia como há hoje. Houve um aumento exponencial dessas páginas *on-line* bem como uma grande adesão pelo público *on-line*, havendo inclusive crescente rotinização das pautas tratadas pelas ativistas gordas, o que será desenvolvido ao longo desse trabalho. Ao analisar esse fenômeno contemporâneo, o do aumento exponencial de conteúdo cibernético educativo sobre minorias na internet, não se trata de destrinchar toda a complexidade sobre a qual ele vem se desdobrando, senão traçar padrões e panoramas sobre como isso vem se dando dentro da temática de gordofobia, como isso se engendra num tipo de processo educativo e como isso influenciou o ativismo gordo.

Um dos recursos metodológicos para realizar esta pesquisa é a netnografia, um tipo de etnografia virtual que possui adaptações específicas para esse campo tal qual propõem Santos e Gomes (2013). São recursos essenciais para a netnografia os recursos de diário de campo e a observação participante no ambiente virtual.

A netnografia será realizada por meio do acompanhamento virtual de páginas geridas por ativistas gordas brasileiras com conteúdo voltado a esse tema. Foram selecionadas 8 páginas de ativistas dentro da rede social Facebook, tendo cada uma dessas páginas um mínimo de mil seguidores/as. Algumas das vantagens desse recurso segundo Santos e Gomes 2013 são:

(...) a possibilidade de aprofundar o conhecimento sobre o grupo através do próprio ambiente virtual, evitando possíveis mudanças de comportamento; a facilidade de prescindir da transcrição visto que as conversas, vias de regra, são registradas por meio de texto, deixando o pesquisador em melhores condições de analisar outros elementos do contexto em que está inserido. Adicionalmente, segundo Kozinets (1997), a etnografia virtual ou netnografia torna-se menos subjetiva do que a etnografia tradicional porque é possível abarcar registros de vários tipos de materiais coletados on line, ou “artefatos”, como os chama Kozinets (apud MONTARDO; PASSERINO, 2006), tais como imagens, arquivos de áudio e vídeo, troca de e-mails, registros das conversas públicas e particulares através do metaverso⁴ (SANTOS & GOMES, 2013, sem paginação).

⁴ O metaverso trata-se de universo criado on-line. É a replicação do mundo físico transposto no mundo projetado por meio de tecnologias digitais. Também é conhecido popularmente como “realidade aumentada” ou “realidade virtual”. Um de seus mais conhecidos exemplos é o jogo *Second Life* em que se cria um personagem que acorda, dorme, come, tem uma personalidade e a constrói principalmente a partir do consumo (muitas vezes a partir de vendas reais (utilizando cartão de crédito) de produtos digitais (como roupas para o/a personagem) (BACKLES & SCHLEMMER, 2014)

A seleção das páginas da internet analisadas nesta pesquisa foi realizada de acordo com: enfoque no tema de gordofobia na página virtual; popularidade (que tem mais de mil seguidoras/es) de forma a abranger a maior possibilidade de trocas acerca ao tema; diversidade ferramental (tratam-se de tipos diferentes de ferramentas virtuais) visando estudar as diferentes possibilidades de interatividade entre autora e leitor/a diferentes; as autoras são todas mulheres e os conteúdos das páginas são voltados principalmente para mulheres.

Para tal serão analisados cinco tipos de ferramentas comunicacionais na internet: blog, comunidade em rede social, página em rede social, site e revista *on-line*.

Dentre esses tipos os estudados serão oito:

- 1) Blog: Gordativismo (Bianca Reis)
- 2) Comunidade em rede social: - Coletivo Anti-Gordofobia/Página Voz das Gordas (Renata Gomes)
- Precisamos falar de gordofobia (Thais Malaquias Rufino)
- 3) Página em rede social: Não sou exposição (Paola Altheia)
Coletivo Gordas Livres (Jamile Rosângela Santos)
- 4) Beleza sem tamanho
- 5) Sites: - Lugar de mulher
5) - Gorda e sapatão (Jéssica Ipólito)
- 6) Revista *on-line*: Questão de gênero Fórum (Jarid Arraes)

Não foram analisados vídeos, uma vez que no início desta pesquisa ainda não haviam muitos⁵ canais voltados ao público gordo. Atualmente já é possível encontrar mais que cinco canais brasileiros que tratam da temática sendo pelo menos três (“Gorda de boa”, “Bernardo fala” e “Alexandrismos” possuem mais do que mil seguidores/as). Mesmo não tendo sido realizada a análise específica de vídeos, comentários e visualizações, entende-se que as plataformas sociais que possibilitam a postagem de vídeos, em especial o *Youtube*, vem ganhando um papel cada vez mais central no processo autoeducativo sobre gordofobia devido à facilidade de compreensão da linguagem, da importância da imagem na internet e do tempo menor que se leva para assistir um vídeo do que para ler um texto extenso sobre o tema. A internet além de um meio de comunicação é espaço de socialização informal, sem hierarquias.

⁵ A autora deste TCL só tinha conhecimento dois canais brasileiros que tratavam da temática até 2015, os canais “Gorda de boa” e “Ser gordo é normal”.

Além da análise de textos selecionados publicados pelas páginas foi realizada a aplicação de questionários sobre os dados posicionais e entrevistas com perguntas abertas para as autoras dos referidos blogs, sites e grupos do *Facebook*⁶. A comunicação com as autoras das páginas foi feita via *Facebook* e *Twitter*, sendo que foi obtida resposta apenas por Facebook. Inicialmente foram marcadas entrevistas via *Skype*⁷, no entanto, as autoras por motivos diversos tiveram dificuldade em estarem disponíveis no horário marcado no aplicativo, de forma que a entrevista com perguntas abertas (vide anexo 1) foi enviada por *Facebook*, respondida pelas autoras e retornada com as respostas. Assim, o contato foi estritamente via digitação.

O questionário com os dados posicionais foi realizado na plataforma “formulários *Google*”⁸, assim o endereço da página do formulário foi enviado para cada autora via Facebook, de forma que as respostas se deram conforme as alternativas disponíveis (vide anexo A).

A seleção dos textos ocorreu conforme a clareza e crítica específica dentro dos temas de estética, saúde, trabalho e acessibilidade, os mais recorrentes nas páginas.

Os textos não são todos de autoria das donas das páginas mencionadas, mas são textos compartilhados em suas páginas via *Facebook*, muitas vezes compartilhados por mais de uma das páginas e entre as páginas, estabelecendo a relação de rede, conceito esse amplamente usado para diferentes casos nas ciências sociais, e sobre o qual faço um cotejamento entre Castells (1999; 2013; 2014; 2015) e Illich (1985) para pensar a relação virtual, as ferramentas utilizadas na educação virtual e a sociedade como um todo em formato de rede, explicitado mais à frente neste trabalho.

Hine (apud GOMES; SANTOS, 2013) aponta como a etnografia em meios virtuais pode ser produtiva, se apresentando como alternativa plausível ao objetivo geral desta pesquisa que é de identificar como ocorre a troca de conhecimento nas redes de comunicação da internet para compreender o alcance deste meio educativo em relação à gordofobia:

“Una etnografía de Internet puede observar con detalle las formas en que se experimenta el uso de una tecnología. En su forma básica, la etnografía consiste en que un investigador se sumerja en el mundo que estudia por un tiempo determinado y tome en cuenta las relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan en los procesos sociales de ese mundo. El objetivo es hacer explícitas ciertas formas de construir sentido de las personas, que suelen ser tácitas o que se dan por supuestas. El etnógrafo habita en una suerte de mundo intermedio, siendo

⁶ *Facebook* é uma rede social estadunidense

⁷ *Skype* é um aplicativo de comunicação virtual em que pode comunicar-se por vídeo, voz ou digitação.

⁸ Site de pesquisa (busca) na internet.

simultaneamente un extraño y un nativo” (GOMES; SANTOS, 2013, sem paginação)

Como se trata de um trabalho mediado por computador em espaços *on-line* é necessário ocupar-me deste desafio metodológico já que se perdem interações ao vivo em que é possível perceber reações possíveis em relações face a face. A noção de campo também é mudada, uma vez que não se trata de um espaço material, é um espaço “desterritorializado e sem limite geográfico” (GOMES; SANTOS, 2013, sem paginação), o campo não pode ser limitado de forma objetiva e material, “(...)deve-se concebê-lo como instâncias frequentadas por personas que simbólica e virtualmente constroem suas localidades e estabelecem suas delimitações territoriais.” (GOMES; SANTOS, 2013, sem paginação). Procurarei então entender o campo a partir dos fluxos e conexões entre as leitoras e produtoras de conteúdo anti-gordofóbico tal qual propõe Hine (apud GOMES;SANTOS, 2013).

Com o aumento do fácil acesso à internet são criadas novas formas de sociabilidade por meio virtual, ocorrendo a troca de informações em escala global entre pessoas que talvez nunca estabelecessem diálogo.

No recorte proposto por este trabalho, as sujeitas envolvidas não produzem necessariamente conhecimento tal qual propõe a educação formal, assim, volto meu olhar principalmente às teorias que investigam a internet como meio educativo informal. Como é possível produzir conhecimento pela internet?

Uma das preocupações de estudiosas que trabalham a internet⁹ como tema relacionado à educação (ABREU; NETO; GOMES) é a forma como se dá a propagação da informação e como ocorre a construção do conhecimento na internet.

A internet armazena uma quantidade massiva de informação diluída e desorganizada. Neto (2006) destaca duas afirmações problematizadoras à essa discussão: “A informação é a matéria-prima do saber.” de Lia Raquel M. Oliveira e “...estamos sedentos de conhecimento e afogados em informação.” de Nashbit.

O conhecimento não se resume à posse de informação. A omnipresença do computador mostra-nos que é possível dispormos de muita informação e não sermos capazes de a utilizar. (NETO, 2006)

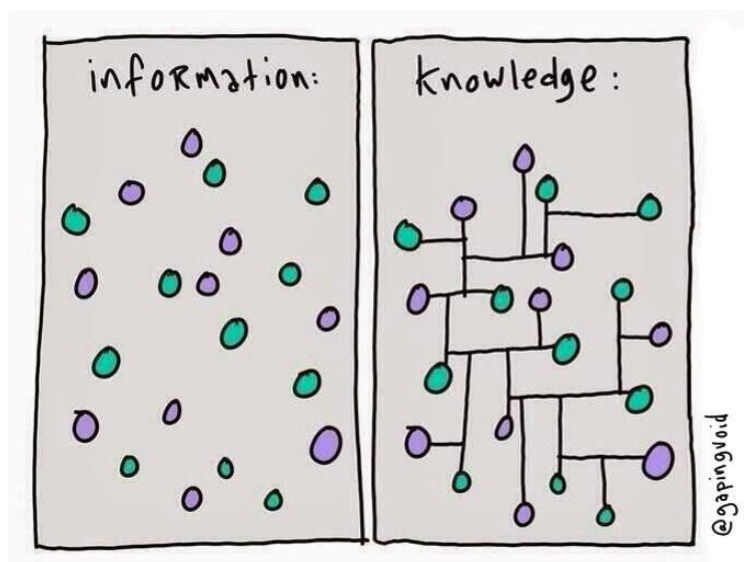
⁹ No Brasil existe a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura.

Para a autora, para resolver o problema da informação desorientada seria necessário além do acesso à informação a “gestão criativa da informação” para o autoconhecimento. A gestão criativa implica em saber selecionar as informações de forma crítica e verificar as fontes dessas informações.

Além disso, a produção de conhecimento exige sua sistematização e conexão coerente de informações com a realidade e abstrações cognitivas, portanto, a produção deste exige labor intelectual.

A imagem abaixo contrapondo na metade à sua esquerda “informação” e na metade à direita “conhecimento” esquematiza a distinção entre informação e conhecimento:

Imagem 1



Legenda: No retângulo à esquerda vemos a representação da informação e no retângulo à direita vemos a representação de conhecimento, por meio do qual é possível fazer conexões entre as informações e portanto, interpretar a realidade.

Fonte: <https://www.gapingvoid.com/blog/2014/01/22/information-vs-knowledge/>

A internet democratiza¹⁰ o acesso à informação (BRANDÃO; TEIXEIRA, 2003) e disponibiliza locais em que pessoas podem publicar suas formulações intelectuais, reivindicando assim seu local na produção de conhecimento.

A internet possibilita a criação de laços colaborativos e a produção de ambientes virtuais de ensino-aprendizagem. A produção de conhecimento coletivo é possível na

¹⁰ Na medida do possível: pensando que uma parcela da população brasileira ainda não tem acesso à internet ou tem à disposição computadores, a tendência é o crescimento do acesso à internet pela aquisição de smartphones ou acesso em *lan houses*, em especial, por parte da população com menos de 30 anos no Brasil de acordo com Castells (2015).

medida em que suas ferramentas virtuais possibilitam o diálogo e a organização e síntese de saberes, ideias, relatos e experiências.

Na internet coexistem saberes acadêmicos e saberes populares, ou seja, a informação fica disponível ao acesso de intelectuais e leigos que podem interagir e produzir conhecimento coletivo. Isso ocorre enquanto a monopolização do conhecimento pelos intelectuais da ciência moderna acaba tornando-se uma forma de poder sobre a população (SANTOS, 2007).

A necessidade de maior diálogo com os saberes populares e saberes acadêmicos é vista por Borda (1978) como benéfica tanto à ciência – que torna-se mais acurada no sentido da flexibilização da dicotomia teoria/prática- quanto à população que pode se empoderar e participar ativamente da produção de conhecimento, possibilitando sua “desobjetificação” enquanto objeto de pesquisa distanciado pelo(a) pesquisador(a).

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Entender a potencialidade e a forma de organização por meio da internet como ferramenta que propicia interações educativas na geração de conteúdo e redes criadas pelas mulheres gordas nas páginas e coletivos *on-line* anti-gordofobia.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar as ferramentas educativas possíveis e como se desenvolvem na internet.
- Analisar os principais temas tratados nas páginas virtuais anti-gordofobia e como são tratados.
- Verificar os dados posicionais das pessoas instrumentalizando o discurso anti-gordofóbico (classe, gênero, faixa etária e grau de escolaridade).
- Analisar o potencial da educação *on-line* a partir dos conceitos de desescolarização de Illich e redes de Castells.

4. Problema

4.1 Gordofobia

O conceito de gordofobia ainda é pouco desenvolvido nos estudos sociológicos no Brasil e tratado com pouco enfoque nos estudos da saúde (na maioria das vezes trata-se de um fator transversal relacionado aos transtornos alimentares).

Nos Estados Unidos da América, país onde se encontram os/as pesquisadores/as pioneiros/as nos estudos sobre a obesidade, existe uma produção científica considerável a partir de meados dos anos 2000 sobre a temática (SYKES, 2011) nas áreas das Ciências humanas, sociais e da saúde (tendo protagonismo principalmente em estudos psicológicos).

Nos estudos sociológicos sobre obesidade e sobrepeso, a Sociologia raramente explora as categorias de obesidade, sobrepeso, questionando sobre as ferramentas utilizadas para se medir tais categorias (crítica esta, presente em diversos estudos nutricionais). Cabe numa nota de rodapé que explica a insuficiência do padrão IMC¹¹ como medidor universal visto a diferenciação entre os corpos de acordo com as raças, etnias e suas relações naturais-culturais. (POULAIN, 2013)

Uma das possíveis definições, que encontra diversas confluências, do termo “gordofobia” é a de Arraes, feminista, colunista e cordelista:

A gordofobia é uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. As atitudes gordofóbicas geralmente reforçam estereótipos e impõem situações degradantes com fins segregacionistas; por isso, a gordofobia está presente não apenas nos tipos mais diretos de discriminação, mas também nos valores cotidianos das pessoas. (ARRAES, 2014)

A autora também aponta para a dificuldade em compreender-se a gordofobia como um preconceito, uma vez que os comportamentos intrusivos na vida alheia se justificariam enquanto uma preocupação com a saúde da pessoa. As pessoas gordas têm uma vigilância constante do olhar do outro em atividades simples do cotidiano, que pessoas magras não tem. “Acontece que, culturalmente, quem é magro é visto inicialmente como saudável, independente de outros fatores.” (ARRAES, 2014)

¹¹Índice de massa corporal que utiliza-se da altura e massa corporal do indivíduo e carece de análises médicas mais detalhadas, como no caso do exame de sangue. Mas mesmo no exame de sangue: os valores considerados – normais – são historicamente modificados e devem ser questionados.

Entende-se o aumento da massa corporal da população como uma realidade de ordem global em vista das mudanças provindas das transformações sociais inicialmente da Revolução Verde e posteriormente da globalização, e também das transformações climáticas com o conhecido como aquecimento global. Basicamente as pessoas tornaram-se mais sedentárias, e apesar de seu consumo alimentar ter diminuído não diminuiu na mesma proporção de suas necessidades básicas diárias em relação ao gasto de energia. O aumento geral da massa corporal das pessoas não é necessariamente deletério (POULAIN, 2013).

Mazon (2010) aponta para outro fator cambiante na forma de educação sobre alimentação: o aumento de informações nutricionais-funcionais sobre os alimentos, que, todavia, não encontra informações conclusivas sobre os efeitos a longo prazo de determinadas substâncias nos alimentos.

Um fato notável é de que mesmo com o aumento de informações sobre os alimentos nenhuma das políticas de prevenção à obesidade e promoção da saúde implementadas nos Estados Unidos (um dos países com maior índice de pessoas consideradas obesas) obtiveram resultado favorável. Pelo contrário, em alguns casos consta-se o surgimento de transtornos alimentares entre crianças e adolescentes cuja escola recebeu algum projeto do tipo (POULAIN, 2013).

O papel da Sociologia deve ser se prestar ao diálogo crítico com outras áreas e não reiterar possíveis preconceitos impregnados na medicina e demais ciências da saúde ou mesmo ingenuamente ou politicamente endossar o coro de grandes *lobbies* farmacêuticos e alimentícios.

A Antropologia, com uma extensa história sobre o estudo da corporalidade, por sua vez tem contribuído no Brasil para o desenvolvimento de estudos nacionais sobre gordofobia de forma indireta, principalmente nos estudos sobre feminismo e outrofobias¹².

A gordofobia como uma questão moral, religiosa e relacionada à mulher

A estigmatização do corpo gordo passa também pelo imaginário social

¹² Rejeição ou medo de pessoas ou grupos de pessoas com características físicas ou mentais específicas diferentes. Rejeição ou medo do outro.

relacionado a questões morais e religiosas. Cada sociedade e cada época produz e revê constantemente seu ideal de corpo. Em nossa sociedade, alguns valores morais religiosos, em especial cristãos, permeiam as relações das pessoas com seus corpos.

A gula é um pecado capital. O que isso significa? Dentro da doutrina cristã, quem comete um pecado capital é um viciado, alguém que comete o mal a si ou a outrem. Este pecado é condenado e usado como meio de controle e diz-se parte da educação segundo a divindade em que creem.

A pessoa gorda é vista como pecadora, alguém que cedeu aos prazeres mundanos. Este ponto é muito importante, pois será revisto em diversas partes deste trabalho. A condenação às pessoas gordas irá colocá-las em diversos relatos em situação de estigmatização, perigo e sofrimento.

A própria concepção do que é belo e do que não é encontra a dicotomia bem e mal, definindo-as conforme o conjunto de qualidades morais desejadas na época:

A beleza não escapa das velhas hierarquias espirituais, impermeabilizando terra e céu, sombra e luz, profano e sagrado.[...] Hierarquização da moralidade: determinar a perfeição estética ligando-a ao Bem. As belezas não morais são falsas belezas. (VIGARELLO, 2006, pps. 27 e 28)

A moralidade atravessa a definição do que é belo e do que em oposição é feio, profano, distante do ideal definido por um conjunto de normas disciplinadoras.

Na história da filosofia a divisão cartesiana entre corpo e mente serviu à criação da representação do corpo humano enquanto mundano, pecaminoso, passageiro em oposição à representação da mente ligada à eternidade, pureza e racionalidade. (XAVIER, 2007)

Observa-se seguimento destas representações dentro do cristianismo, em que o corpo é constantemente sexualizado e deve ser controlado. Nesta divisão o que se correlaciona ao homem se ateu ao lado racional, enquanto o que se correlaciona à mulher estava ligado à emoção, fragilidade e ao pecado.

Assim, às mulheres frequentemente foi negado um lugar à ciência, não considerada seu espaço por natureza.

A mulher continua inexoravelmente “inferior”, tanto mais porque sua beleza é feita para “deleitar” o homem, ou, melhor ainda, para “servi-lo”. Criada para o outro ela permanece pensada para ele: promovida, sem dúvida, porém mais na literatura do que na sociedade. (VIGARELLO, 2006, p. 27)

A economia dos corpos, em especial das mulheres, representa a necessidade de contê-los em relação ao que é excessivo, seja em relação ao seu modo ou à sua forma,

de forma a explicitar seu controle. Enquanto o corpo estiver dentro das normas, está contido.

No Brasil é sintomática a insatisfação das mulheres com seus corpos ao levarmos em conta a posição do país em relação à quantidade de cirurgias plásticas realizadas por ano. O Brasil é o segundo colocado no ranking de realização de procedimentos estéticos cirúrgicos e não-cirúrgicos no mundo, representando 9,1% do total, perdendo apenas para os Estados Unidos. (ISAPS, 2013). Deste montante, 82% (IBOPE, 2010) dos procedimentos são realizados em mulheres que estão insatisfeitas com seus corpos e recorrem à intervenção cirúrgica. Dentre os procedimentos cirúrgicos, o mais realizado no Brasil é a lipoaspiração, destinada a remover acúmulos de gordura considerados excessivos (ISAPS, 2011).

Em concomitância a esse processo de envergonhamento de seus próprios corpos, ocorre o fenômeno global da mudança da alimentação dos cidadãos da modernidade. Vivemos uma época de fluidez em que se valoriza o rápido, o presente, e há uma exaltação ao hedonismo efêmero (Bauman, 2007). A alimentação não escapa a este quadro.

Os hábitos alimentares dos brasileiros sofreram grandes mudanças. Segundo o texto-base da Política Nacional deste período e Alimentação e Nutrição (PNAN), em vigor desde 1999, a dieta brasileira sofre alterações do típico “feijão com arroz”, substituído por produtos condimentados, industrializados, de menor prazo perecível e de fácil manuseio e preparo. Essa mudança, que também pode ser verificada, no contexto alimentar mundial é nomeada como transição nutricional: passagem de uma alimentação baseada em grãos e tubérculos para outra de alimentos processados ricos em gorduras saturadas, açúcar (Nutrans, 2014).

Popkin (2009) se propõe a mostrar como a nossa biologia, a qual foi moldada por milhões de anos de evolução, não se encontra preparada para essa sociedade que ele chama de moderna, a qual mudou profundamente a forma como comemos, bebemos e nos movimentamos.

O desenvolvimento industrial e urbano e as mudanças no estilo de vida das pessoas influenciaram diretamente na sua saúde e na probabilidade das pessoas desenvolverem doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). Várias transformações foram provocadas pelo êxodo rural e consequente intensificação da urbanização. Estas mudanças foram acompanhadas principalmente pela diminuição nos índices de

fecundidade e acesso de mulheres ao mercado do trabalho.

Assim, a mulher que geralmente tem a jornada dupla (trabalho formal-informal e encarregada das atividades do lar), ainda tem que como se diz popularmente “se cuidar”, não parecer “desleixada”, estar sempre em dia com o modelo estético padrão de mulher, mesmo dentro do contexto moderno arraigado à Revolução Verde e à parca oferta de alimentos considerados nutritivos aliados ao aumento do sedentarismo propiciado pela maquinização e pelas condições de trabalho da sociedade moderna.

A construção da gordura enquanto desviante se confirma pela classificação, principalmente da obesidade e da medicalização da obesidade. “(...) a medicalização transforma o ‘desvio’ em ‘doença’ e a normalidade se traduz então em termos de saúde.” (Aïach & Delanoë, 1998 apud Poulain 2013, p. 158). Nesse processo há a transição da obesidade como uma questão moral para uma doença. Isso depende do que Poulain (2013) coloca como medicalização. São duas etapas desse processo:

1. A passagem de uma avaliação qualitativa para uma avaliação quantitativa, que é acompanhada pelo surgimento da noção de fator de risco;
2. O deslocamento do estatuto de fator de risco para o de doença, ao que se pode atribuir certo número de mortes e um custo.

A visão da gordura enquanto doença e fator desviante da normalidade se confirma por meio da incorporação do discurso médico pelos indivíduos em suas relações sociais. Esse discurso carrega a carga de culpabilização do corpo gordo, de que este corpo está doente por falta de autocontrole da pessoa gorda.

A imagem na sociedade da Revolução das Tecnologias da Informação

Cada sociedade constrói ao longo da história um tipo de percepção diferente acerca do corpo humano, havendo a “valorização cultural de certos tipos de corpulência” (POULAIN, 2013) e as pessoas que se afastam deste ideal de corpo geralmente sofrem consequências objetivas, como a discriminação e subjetivas, como a autoestima baixa. A estigmatização da pessoa considerada obesa ou sobrepeso é um fator de agravamento da obesidade e do sobrepeso segundo Poulain (2013), por incentivar um processo de dessocialização da pessoa com essas características.

Na atualidade, para tratar mais especificamente do recorte proposto neste trabalho, na sociedade ocidental, há a padronização e propagação massiva do tipo ideal de corpo. A valorização imagética após o surgimento da mídia impressa e

posteriormente com a grande veiculação de imagens “Revolução das Tecnologias da Informação” acirrada pela comercialização da internet em meados dos anos 90 (ABREU, 2003) possibilita maior esteticização do corpo que progride principalmente em relação à mulher, espelho do machismo ainda predominante nas relações de gênero.

Boaventura de Sousa Santos em “Crítica da razão indolente” (2007) reconta a percepção de La Belle sobre o uso do espelho por homens e mulheres, sendo por homens um artefato mais utilitário e nas mulheres tendo uma representação mais identitária:

Esta diferença, que é uma marca da discriminação sexual, tem vindo a ser reconstruída pelas feministas como ponto de partida para a afirmação de uma identidade feminina libertada que reivindique o espelho como uma forma própria de conhecer e aceitar o corpo. (SANTOS, 2007, p. 47)

Tanto homens quanto mulheres podem ser ativos ou passivos em relação à gordofobia, ou seja, podem ser autores/as ou vítimas da manifestação preconceituosa.

Ao ligar a televisão, nos deparamos diariamente com vários exemplos de gordofobia. Aos domingos, é praticamente garantido que pessoas gordas sejam retratadas de forma ridicularizada no programa de videocassetadas mais tradicional do Brasil, exibido no programa Domingão do Faustão na Rede Globo.

No Brasil, tornou-se comum a exibição de *reality shows* aos moldes dos que já existiam aos montes nos Estados Unidos há pelo menos 10 anos (*The Biggest Loser*, o programa mais popular de emagrecimento dos Estados Unidos, começou a ser exibido em 2004).

Neste tipo de *reality* participam celebridades e os/as telespectadores/as acompanham a rotina de emagrecimento (que geralmente inclui pesada atividade física e restrições alimentares) de pessoas que buscam bater uma meta de pesagem em um tempo curto. Alguns exemplos são o programa “Medida Certa”, exibido pela Rede Globo, que já recebeu famosos como “Ronaldo fenômeno”, famoso jogador de futebol e o jornalista Zeca Camargo, que dizem que se submetem aos programas para melhorar a saúde, porém também recebem alto valor em dinheiro. O *reality show* “Além do peso” (PINHEIRO, 2015) exibido pela Rede Record segue a mesma lógica e traz subcelebridades como ex-BBBs¹³, cantores e dançarinos que foram famosos nos anos 90 e engordaram, para emagrecerem sob os holofotes da televisão aberta.

A fórmula de emagrecimento nesses *realities* é simples, aparece como resultado de determinação e força de vontade, sendo possível atingi-lo a partir de

¹³ Ex-participantes do reality show Big Brother Brasil, programa anual exibido pela emissora Rede Globo, canal aberto de televisão brasileira.

restrições alimentares e pesada atividade física. Muitos dos/as participantes voltam a engordar em pouco tempo.

Em relação à grande propagação de imagens e da pressão estética disseminada em diversos veículos de comunicação (publicidade, moda, programas de televisão) e reiterada na família, no discurso médico e em ambientes sociais (escolas, local de trabalho, etc.), alguns pesquisadores transculturais concebem os transtornos alimentares como “síndromes ligadas à cultura” (AZEVEDO & MORGAN, 1998), ligadas às sociedades afluentes do ocidente.

De acordo com esta concepção, a pressão cultural para emagrecer é considerada um elemento fundamental da etiologia dos transtornos alimentares, que interage com fatores biológicos, psicológicos e familiares para gerar a preocupação excessiva com o corpo e o pavor doentio de engordar, característicos da bulimia e anorexia nervosa. A influência dos aspectos socioculturais é marcante. Os transtornos alimentares podem até ser considerados os melhores exemplos para se estudar a interação dos aspectos socioculturais com os demais fatores. (AZEVEDO & MORGAN, 1998)

Com o pavor da engorda e busca generalizada por processos de emagrecimento, ocorre a diluição do poder, que corresponde ao papel do que Foucault (1987) definiu como de constante vigilância em modelo panóptico, que “induz os indivíduos a um estado permanente de visibilidade que assegura perfeitamente o funcionamento automático do poder.” (DANNER, 2010) Transformando-os em “corpos dóceis”, ou seja, que respeitam e buscam corresponder às normas postas, corresponder a um padrão ideal de corpo feminino.

4.2 Internet e educação

4.2.1 O que são as redes?

O sociólogo Manuel Castells (1999), debruça seus estudos sobre as formas pelas quais os seres humanos interagem em nossa sociedade. Para ele, cada vez mais a forma comunicacional se configura em redes. Essas redes teriam ganhado força durante os movimentos globalizantes impulsionados pelo avanço tecnológico. Essa forma de comunicação e organização traria vantagens:

As redes ao longo da história têm constituído uma grande vantagem e um grande problema por oposição a outras formas de organização social. Por um lado, são as formas de organização mais flexíveis e adaptáveis, seguindo de um modo muito eficiente o caminho evolutivo dos esquemas sociais humanos. Por outro lado, muitas vezes não conseguiram maximizar e

coordenar os recursos necessários para um trabalho ou projecto que fosse para além de um determinado tamanho e complexidade de organização necessária para a concretização de uma tarefa. (CASTELLS, 1999, p. 17-18)

A Revolução da Tecnologia de Informação constitui o ponto central para o autor pensar as redes da atualidade entendendo que essa revolução acarreta em transformações ao alcance da importância que a Revolução Industrial teve para as relações humanas.

Redes constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (CASTELLS, 1999, p.497)

Pensando nas transformações que as redes trouxeram para a sociedade, Castells realiza algumas reflexões sobre a educação e o sistema educacional na sociedade contemporânea por meio da organização escolar.

De acordo com Castells (2014) a escola por ainda entender que sua principal função é a transmissão de informação, torna-se obsoleta já que 96% da informação está digitalizada e 80% está disponível na internet. O que falta é auxiliar na capacidade intelectual dos/das estudantes de estabelecer critérios buscar informações. (CASTELLS, “A obsolescência da educação”, 2014)

A visão do autor é otimista em relação à internet, esta tecnologia para ele auxiliaria a romper com a relação de verticalidade entre professor/a e aluno/a.

Para Castells (2015), a escolarização por meio do sistema educacional incentivaria um uso mais inteligente da internet, que não seja para “bobagens”, mas para a produção de conhecimento. Essa seria a maior deficiência do Brasil e um problema que a internet não pode resolver.

A divisão que há hoje em dia, de acordo com Castells é entre a escola, que disponibiliza um diploma ao fim do curso e da internet onde se organizam grupos informais e se pode aprender de verdade. (CASTELLS, “Escola e internet: o mundo da aprendizagem dos jovens”, 2014)

A tensão existente entre as gerações adultas e gerações jovens hoje em dia são mais gritantes, uma vez que há uma mudança de linguagem. A linguagem digital apresenta uma profunda mudança e dificuldade de comunicação entre essas gerações. (CASTELLS, “O poder da juventude é a autocomunicação”, 2014)

Castells (2014) considera a internet como um símbolo de liberdade, e, portanto, há medo das gerações adultas e dos governos por não terem controle dessa liberdade. Os

jovens têm mais abertura para o mundo global, vivem ao mesmo tempo local e global. Característica intrínseca às sociedades em rede. Para Castells nunca houve uma distância tão profunda entre as gerações, não apenas a linguagem é diferente mas a cultura e a forma de ver e entender o mundo e a vida.

Na cultura digital aumenta-se a capacidade da nova geração em realizar várias tarefas ao mesmo tempo, conhecido como “*multitasking*”, e apesar de isso dificultar a memorização e concentração, facilita a capacidade de combinação de informações, fomentando a criatividade e a capacidade de produzir conhecimento novo e de criação (CASTELLS, 2015). Os jovens, assim, se entediam em sala de aula por seu ritmo e conteúdo.

Utilizo as redes para pensar na comunicação e no processo educativo por meio da internet, pois tanto a análise de Castells sobre a Revolução das Tecnologias de Informação quanto suas reflexões sobre a educação e a internet na sociedade contemporânea relacionam-se com o estudo proposto neste TCL.

Castells (2013) também auxilia este TCL ao levantar alguns dos aspectos dos movimentos sociais contemporâneos aos quais faço paralelo com o ativismo gordo, sendo: indignação, horizontalidade das redes (principalmente a partir de sua ampliação por meio da internet), são ao mesmo tempo locais e globais, contam com grande poder das imagens para a disseminação de ideias favoráveis e contrárias a eles, são “profundamente autorreflexivos” (CASTELLS, 2013, p. 167) e não são necessariamente violentos por princípio.

4.2.2 O que são as teias educacionais?

Ivan Illich (1985) é um pensador que se coloca contrário às instituições que colonizam as formas de agir das pessoas na sociedade. Portanto, é contrário à escola em qualquer circunstância em que essa instituição propõe a construção vertical do conhecimento por meio de um sistema que privilegia a educação enquanto mercadoria acima de sua qualidade de aprendizagem a partir do incentivo da imaginação e da construção coletiva e dialogada de conhecimento.

A escola define-se para o autor como: “Definirei, para tanto, a «escola» como um processo que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, em certa idade e com a presença de um professor.” (ILLICH, 1985, p. 40)

Essas características da escola, acabam para ele, fazendo com que a educação se

torne impossível, e a educação formal se institucionalize como uma fábrica de diplomas. As pessoas passam grande parte de suas vidas investindo seu tempo nas salas de aula enquanto alunos/as para que possam inserir-se no mercado de trabalho futuramente de maneira que sejam mais valorizadas, não necessariamente porque o conteúdo aprendido na escola seja o melhor para exercerem suas profissões, importando apenas que acredite-se de maneira geral que esse é o único e válido conhecimento que pode ser adquirido, legitimando assim suas carreiras.

Além da fábrica de diplomas, a escola acabaria por colonizar os pensamentos e preparar os indivíduos para a sociedade de consumo. Para Illich (1985), é ensinado ao pobre a pensar como rico, e assim, a possuir cada vez mais bens de consumo a partir das ideias de progresso, de desenvolvimentismo econômico e de consumo competitivo. Assim, almeja-se sempre o progresso e a previsibilidade em detrimento do acaso e da imaginação.

Em resposta à instituição da escola e especialmente em oposição a ela, Illich apresenta uma teoria propositiva de teias educacionais. Essas teias educacionais colocariam a imaginação e os interesses dos seres humanos em primeiro lugar, buscando resgatar a curiosidade das pessoas em aprender.

Necessitamos de pesquisas sobre a possibilidade de usar a tecnologia para criar instituições que sirvam à interação pessoal, criativa e autônoma e que façam emergir valores não passíveis de controle substancial pelos tecnocratas. Necessitamos de pesquisas que se oponham à futurologia em voga. (ILLICH, 1985, p. 16)

Quando da publicação de sua obra “Sociedade sem escolas” (1985) Illich, apesar de visionário em relação às tecnologias, não tinha como saber a dimensão e alcance que a internet tomaria em nossas vidas nos dias de hoje.

Para o autor, o aprendizado do autodidata foi desencorajado a partir da institucionalização da educação com o advento das escolas. Pessoas autodidatas são desencorajadas e seu conhecimento é questionado, diferentemente do conhecimento adquirido por meio das escolas. Assim, o/a aluno/a aprende a desconfiar de si e de sua capacidade de ser autônomo/a em suas descobertas sobre como funciona o mundo e a sociedade. As escolas encerram para ele a prisão da criatividade guiada por professores/as, currículos e burocracia.

As instituições (como escolas e hospitais) definiriam de maneira geral para pessoas tanto pobres como ricas o que é legítimo e o que não é:

O medicar-se a si próprio é considerado irresponsabilidade; o aprender por si

próprio é olhado com desconfiança; a organização comunitária, quando não é financiada por aqueles que estão no poder, é tida como forma de agressão ou subversão. A confiança no tratamento institucional torna suspeita toda e qualquer realização independente. (ILLICH, 1985, p. 17)

Assim, a autonomia é desencorajada. Recebendo uma educação escolarizada as pessoas tornam-se mais propensas, de acordo com Illich, a aceitar hierarquizações. A igualdade de oportunidades para Illich não é possível por meio da obrigatoriedade escolar.

A maioria do conhecimento inventivo, crítico e imaginativo seria adquirido a partir de atividades desinteressadas e na troca de informação crítica entre colegas no dia-a-dia “Baseia-se na surpresa da pergunta inesperada que abre novas portas para o pesquisador e seu colega.” (ILLICH, 1985, p. 32) e não na escola por meio da memorização sem troca.

Já as habilidades se diferenciam dessa aprendizagem uma vez que são adquiridas e melhoradas a partir de atividades práticas a partir de instruções.

A mais radical alternativa para a escola seria uma rede ou um sistema de serviços que desse a cada homem a mesma oportunidade de partilhar seus interesses com outros motivados pelos mesmos interesses. (ILLICH, 1985, p. 34)

No entendimento de Illich, a aprendizagem é uma atividade que não necessita de uma pessoa que diga o que é certo e errado, encarnada na figura do/a professor/a. A aprendizagem para ele “É, antes, resultado de participação aberta em situações significativas” (ILLICH, 1985, P. 52)

A alternativa sintática é uma rede ou teia educacional que permite a reunião autônoma de recursos sob o controle pessoal de cada aprendiz. Esta estrutura alternativa de uma instituição educativa se encontra, agora, no ponto cego conceitual de nossa pesquisa operacional. Se a investigação se concentrasse nele, teríamos uma verdadeira revolução científica. (ILLICH, 1985. Pps. 81-82)

Nos canais idealizados por Illich, em que as pessoas interessadas em aprender disponibilizam seus nomes e residências para que sejam encontradas por outras pessoas de mesmo interesse, não deve ser feita distinção de escolarização ou idade de forma a ampliar as redes e as possibilidades educacionais.

Ao invés de adotar “rede”, Illich opta por adotar o termo “teia de oportunidades” ou “teias educacionais” para designar o tipo de sistema educacional que idealiza como produtivo para uma sociedade que busca superar a sociedade de consumo e voltar a

focar na aprendizagem real. Faz a ressalva de que entende que o termo “rede” está muito desgastado: “A palavra «rede» é muitas vezes usada erroneamente para designar os canais reservados ao material selecionado por outros para doutrinação, instrução e diversão” (ILLICH, 1985, p. 87).

As características principais das teias educacionais são o acesso aos bens educativos e à informação, a possibilidade de encontrar pessoas com interesses semelhantes para engajar-se em processos de aprendizagem coletiva independentemente de seu grau de escolaridade ou faixa etária se a possibilidade de a disponibilidade de um espaço para tornar públicas as considerações de um indivíduo sobre seu tema de interesse (aprendizagem). Essas teias consistiriam em novos espaços que dariam igual oportunidade para os indivíduos de ensino, diferentemente das escolas:

“Daria oportunidade para a livre expressão: letrados e iletrados poderiam igualmente gravar, guardar, difundir e repetir suas opiniões.” (ILLICH, 1985, p. 88)

Para guiar essa nova forma de aprender ele propõe uma pergunta diferente da que é comumente feita pelos planejadores educacionais: “Não deve começar com a pergunta: «O que deve alguém aprender?», mas com a pergunta: «Com que espécie de pessoas e coisas gostariam os aprendizes de entrar em contacto para aprender?»” (ILLICH, 1985, p. 88).

Com as críticas realizadas por ambos autores ao ensino escolarizado nos cabe perguntar: como ocorre o encontro de pessoas com interesses comuns na internet? Há construção de conhecimento criativo a partir das redes que se formam? Como ocorre a comunicação de grupos de interesses comuns (no caso, do grupo de mulheres gordas)? Para tal, focaremos agora na análise de conteúdo sobre autoras militantes anti-gordofobia nas páginas *on-line*.

5. Análise de conteúdo

Sobre as autoras das páginas anti-gordofobia

As entrevistas foram realizadas por meio de questionários (em anexo Apêndice A – Perfil das autoras, Apêndice B - Desenvolvendo o envolvimento com a temática anti-gordofóbica, p. 84). Contatei as autoras por meio de mensagem pessoal via *Facebook* e *Twitter* e todas as autoras que responderam o fizeram via *Facebook*. Inicialmente tentei

realizar entrevistas via *Skype*¹⁴, mas por diversos motivos as autoras tiveram dificuldade em estarem disponíveis no horário combinado pela internet. Assim, as entrevistas foram enviadas via *Facebook* e as autoras enviaram com as respostas. Os questionários sobre os dados posicionais individuais das autoras foram enviados também pelo Facebook e respondidos virtualmente pela plataforma “*formulários Google*”.

Busquei por meio da análise dos discursos (tanto em suas entrevistas como do conteúdo de suas páginas virtuais) ter um panorama do discurso de formadoras de opinião dentro do Movimento Gordo, em especial na internet, âmbito em que vem se concretizando este movimento. Por discurso entende-se uma forma de prática social, forma de ação e representação (LUPTON, 2000) que implicam posicionamento em relação a determinado tema, podendo significar poder.

Foram entrevistadas 8 mulheres, das quais:

- 7 são gordas e uma é magra.¹⁵
- 6 são brancas e duas são negras.¹⁶
- Têm idade entre 21 e 32 anos
- 2 são do estado do Paraná, uma do estado de São Paulo, 1 do estado de Minas Gerais, 2 do estado da Bahia, 1 do estado do Rio de Janeiro e 1 do Distrito Federal

Podemos observar outros dados posicionais a seguir:

¹⁴ Mecanismo de conversação em que se pode realizar chamadas de voz, por vídeo e estabelecer contato por mensagens digitadas. É baixado gratuitamente

¹⁵ Para estabelecer este critério partimos da autodeclaração das candidatas como tais.

¹⁶ Idem à nota de rodapé 8.

Grau de escolaridade

Ensino superior completo	■	(3)
Ensino superior incompleto	■	(4)
Pós-graduação	■	(1)

Renda mensal

Entre 500,00 e 1.000,00 reais	■	(1)
Entre 1.000,00 e 2.000,00 reais	■	(4)
Mais de 3.000,00 reais	■	(2)

*1 não respondeu

Grau de escolaridade dos/as guardiões/guardiãs legais

Ensino fundamental incompleto	■	(1)
Ensino médio incompleto	■	(1)
Ensino médio completo	■	(2)
Ensino superior incompleto	■	(1)
Ensino superior completo	■	(3)

Orientação sexual

Heterossexual	■	(3)
Homossexual	■	(3)
Bissexual	■	(1)
Assexual	■	(1)

A análise é sobre as páginas virtuais citadas na introdução deste trabalho. Apesar de ter tentado contato virtual com as donas das páginas Lugar de Mulher (78.168 seguidores/as) e Questão de Gênero via *Twitter*¹⁷ e *Facebook*, não consegui entrevistá-las. Nesse caso, utilizarei textos de suas páginas e o perfil das autoras disponíveis em seus sites. Vale ressaltar que 3 das 7 autoras entrevistadas são da Página Voz das Gordas (20.736 seguidores/as), 1 da página Não Sou Exposição (32.394 seguidores/as), 1 da página Gordativismo (4.112 seguidores/as), 1 da página Precisamos falar de Gordofobia

¹⁷ Rede social da internet na qual é possível criar uma página individual e expressar opiniões de até 140 caracteres por postagem.

(12.093 seguidores/as), uma da página Gorda e Sapatão (10.207 seguidores/as) e uma da página Beleza Sem Tamanho (120.163 seguidores/as).

Breve descrição sobre as páginas selecionadas

- A página “Não Sou Exposição” trata da temática da opressão e pressão estética ao corpo da mulher, não foca apenas na questão da gordofobia, buscando demonstrar outras representações de saúde que não unicamente dizem respeito ao corpo magro. A página possui uma administradora, a nutricionista Paola Atheia.
- A página “Lugar de Mulher” trata-se de um site com conteúdo voltado para mulheres, buscando empoderá-las tratando de assuntos como: violência, assédio, gordofobia, cultura pop, maternidade e aborto, sempre com viés feminista. Conta também com a página no *Facebook* que direciona para os textos do *site*. A página possui três administradoras: a escritora Clara Averbuck; a cientista social Mariana Messias e a escritora Ana Paula Barbi.
- A página “Precisamos falar de gordofobia” trata especificamente da temática da gordofobia, buscando criar visibilidade para esse tema que de acordo com a descrição da página é silenciado e apagado no feminismo. A autora da página é Thais Malaquias Rufino, graduanda de Letras Português.
- A página “Gorda e Sapatão” como o nome já anuncia, traz o debate sobre as lutas e opressões sofridas por mulheres gordas e lésbicas, também traz o debate de cor e etnia bem como discussões sobre o feminismo interseccional. A página é administrada pela militante e estudante Jéssica Ipólito.
- A página “Voz das Gordas”, antigo Coletivo Anti-Gordofobia, (a página mudou de nome) trata-se de um coletivo de mulheres gordas que atualizam conteúdos sobre as opressões sofridas por mulheres gordas e trabalha com a produção de textos incentivando o empoderamento das mulheres gordas.
- A página “Coletivo Gordas Livres” desenvolve uma militância gorda combativa e como diz o nome, trata-se de um coletivo de mulheres

gordas que voltam sua produção de conteúdo às principais temáticas que tratam do empoderamento das mulheres gordas a partir de um viés feminista.

- A página “Gordativismo” desenvolve conteúdo para pessoas gordas com foco em seu empoderamento de maneira a engajá-las num ativismo que pode ser benéfico a elas. Conta com textos próprios e textos sobre a temática traduzidos do inglês para o português pelas colaboradoras da página. Evita tratar de conteúdo com foco em gordofobia e nas pessoas gordofóbicas.
- Os textos de Jarid Arraes na revista Fórum, sessão “Questão de gênero” tratam assuntos feministas em geral, havendo aprofundamento nas questões relacionadas às mulheres gordas e negras. Os textos têm cunho jornalístico, exploratório e explicativo. Tratam-se de textos maiores do que os das outras páginas, contanto com a contratação profissional da autora pela Revista Fórum *on-line*.

5.1 Feminismo e as autoras

De acordo com as entrevistas realizadas, apenas duas autoras não se consideram militantes feministas, uma por não estar engajada com o movimento social de forma ativa (apesar de simpatizar com algumas pautas) e outra por não ter uma base teórica concreta em que se embase, mas reconhece que no dia-a-dia tem atitudes que podem ser consideradas feministas. As outras autoras consideram-se todas feministas, tendo tido aproximações diferentes para com o movimento feminista. Destas que se autodeclaram feministas, duas têm afinidade com a linha do feminismo interseccional.

O feminismo de que estamos falando é mais o feminismo enquanto movimento social do que o feminismo intelectual e acadêmico.

Duas das autoras cujos textos foram pesquisados para o presente trabalho não responderam às entrevistas (das páginas “Lugar de Mulher” e Jarid Arraes da Revista Fórum), porém se consideram publicamente feministas em suas páginas.

Uma das autoras considera que se deve separar a militância gorda da militância feminista, pois as considera coisas distintas:

Gordativismo: Mas gordofobia não é apenas misoginia ou tentativa de controle do corpo da mulher. Gordofobia NÃO é

padrão estético. Por ser feminista, o blog acabou tendo um recorte para mulheres, mas não é um blog feminista em si, as pautas são todas gordas. São lutas separadas.

Às demais autoras, o feminismo e a luta anti-gordofóbica estão amplamente imbricados, mesmo não sendo um tema de destaque dentro do movimento. Por este motivo, traçarei um panorama dos feminismos hoje existentes para compreender a trajetória destes pensamentos principalmente no que envolve o corpo da mulher até chegar à discussão sobre a gordofobia.

5.2 Sobre feminismos

A luta feminista sempre esteve vinculada além da luta pela conquista de direitos a aspectos ligados a repressão dos corpos das mulheres e de sua sexualidade.

Para as primeiras militantes gordas estadunidenses, a ligação da gordofobia com o gênero feminino era inseparável fazendo parte da militância gorda desde seus primórdios. Um dos livros reconhecidos nos *fat studies* chama-se “*Fat is a feminist issue*” ou “Gordura é uma questão feminista” de Susie Orbach, publicado em 1978.

Em uma das páginas estudadas, a coluna “Questão de gênero” da Revista Fórum, traz uma entrevista realizada por Arraes em que é enfatizada a relação entre ser gorda e ser mulher tendo por base o feminismo:

Segundo Balbino, há inimigos muito piores para uma mulher gorda do que uma balança, pois quando se é uma gorda tentando emagrecer é só mais um alvo do senso comum, mas a gordofobia é ainda pior contra as mulheres gordas que gostam de ser gordas. “Mas sem dúvidas que esse processo todo foi relevante para minha formação como feminista. Foi um ponto de encontro ao que eu não queria ser, ou ao que gostaria de ser. Foi uma libertação. Um rompimento com um padrão de comportamento, de beleza, com o machismo, com um modelo de falas e padrões”, conta. (ARRAES, 2014)

Esta ligação a partir das entrevistas realizadas com as produtoras de conteúdo para internet no Brasil relacionado à temática gorda não se demonstra assim tão forte. Para algumas militantes gordas, dentro do próprio movimento feminista a luta contra a gordofobia vem sendo vista como um aspecto secundário do movimento. Muitas das leitoras das páginas não são necessariamente feministas e identificam-se com as temáticas com temas não necessariamente ligados à essa militância como moda *plus size* e autoestima.

Sobre este assunto, uma das blogueiras produtora de conteúdo que analisamos neste trabalho, a cordelista Jarid Arraes levanta algumas considerações sobre esse fato no texto publicado em sua página em setembro de 2014 em que trouxe a opinião de outras mulheres:

Para a arquiteta e urbanista Gizelli Sousa, um dos motivos porque ainda há gordofobia no meio feminista é a falta de aprofundamento no debate, o que impede alguma transformação efetiva na sociedade. “Normalmente o assunto é abordado evocando um discurso de aceitação. A discussão está focada na gordofobia internalizada, como se ao repetir ‘ame suas curvas’ como um mantra, eventualmente a mulher gorda acabará por amar seu corpo. É importante que a mulher ame o seu corpo, mas é ainda mais importante que sua dignidade seja resgatada, para isso é preciso combater a gordofobia que vem do lado de fora, de uma sociedade hostil. É neste ponto que o feminismo falha”.

Para além da questão estética relacionada à temática do padrão de beleza, Arraes também enfatiza outros desdobramentos que a opressão gordofóbica pode causar como: problemas de acesso ao transporte público, mobilidade urbana, desemprego, vulnerabilidade social e econômica bem como *bullying* e a violência sexual e doméstica contra a mulher gorda.

A mesma arquiteta citada por Arraes coloca que machistas se referem ao feminismo como um movimento de mulheres gordas para desqualificar o movimento, como se ser gorda colocasse a mulher numa condição de inferioridade e sua opinião fosse assim desvalorizada. Um dos motivos de resistência do movimento feminista com a pauta anti-gordofóbica seria a dificuldade em conectar a interseccionalidade com a práxis de militância como ocorre com outras questões como a do racismo e da transfobia no movimento feminista.

A emergência de páginas sobre gordofobia ocorre da necessidade de focar neste preconceito específico pensando nas pessoas gordas como um grupo minoritário (excluído e estigmatizado em diversas esferas da sociedade) detentor de direitos.

Teorizando o conteúdo das páginas virtuais voltadas às mulheres gordas por um viés acadêmico, a temática da gordofobia encaixaria-se como pauta principalmente na corrente interseccional do feminismo, recente ao levarmos em conta a história do feminismo. Para entender o caminho que o feminismo percorreu até chegar à discussão sobre gordofobia faço um levantamento das ondas do feminismo no Brasil e do recorte específico da corrente feminista interseccional.

Ondas do feminismo

De acordo com Pinto (apud MATOS 2010) a primeira onda do feminismo brasileiro caracteriza-se pela luta pelo sufrágio, por direitos e igualdade, de autoria principal de mulheres brancas filhas de políticos e intelectuais de classes média e alta.

A segunda onda do feminismo brasileiro foi impulsionada pela ditadura militar, durante a década de 70 e 80, e vai além da luta por direitos e igualdade tendo como foco questionamentos em relação aos costumes: “uma resistência contra a ditadura militar e, por outro lado, em uma luta contra a hegemonia masculina, a violência sexual e pelo direito ao exercício do prazer.”.

A terceira onda se refere ao momento de participação das mulheres na redemocratização junto ao Estado, incluindo pautas relacionadas à institucionalização de espaços direcionados especificamente às mulheres como por exemplo, as ONGs, as Delegacias de Atendimento Especializado às Mulheres e busca de articulação com o movimento de mulheres (negras, indígenas, lésbicas, rurais, etc) e a profissionalização do movimento bem com a ampliação de sua diversidade, assim tornado “*mainstream*”, integrando o modelo político neoliberal durante principalmente os anos 80 e 90.

Vem-se falando na configuração de uma quarta onda (MATOS, 2010), marcada pelo reconhecimento do feminismo radical, pelo reforço da não discriminação (raça, etnia, nacionalidade, religião, etc.) e pelo *sidestreaming* e maior visibilização dos feminismos.

O feminismo interseccional surge do feminismo negro. O feminismo branco, de classe média e alta, principalmente no que concerne à primeira onda do feminismo não incluía as pautas das mulheres negras, que tinham ainda muitos direitos a conquistar até pensarem em direito ao voto eleitoral. As feministas nesse momento se inserem em campos interseccionais em seus estudos, buscando não anular uma opressão por outra, como ocorreu por muito tempo dentre movimentos de esquerda, e sim cruzá-las, reconhecê-las e pensar em táticas de luta contra essas opressões de maneira diferenciada.

De acordo com Rodrigues (2013) teoria interseccional do feminismo busca dar conta da complexidade que as estruturas das sociedades marcadas pelo sexismo e pelo racismo podem criar a nível de opressões. Assim, as opressões não seriam duplas, ou triplas como no caso das mulheres negras, mas sim, intersectadas. Rodrigues cita Collins (2000) que explica que os sistemas de opressão de raça, gênero e classe social

são “sistemas distintos de opressão subjacentes à única estrutura de dominação”. Esses sistemas se sobrepõem e se influenciam mutuamente, havendo a necessidade de diferenciá-los para não hierarquizá-los, já que estão interconectados uns aos outros.

Por estabelecer uma ponte com perspectivas pós-estruturalistas e desconstrucionistas que se tornaram bastante influentes no pensamento feminista brasileiro, o conceito de interseccionalidade pode se constituir num novo campo de investigação feminista capaz de encorajar feministas das mais distintas perspectivas a se engajar criticamente com seus próprios pressupostos de maneira reflexiva, situada e responsável. (RODRIGUES, 2013, p. 10)

O momento atual, que propicia a consolidação da luta contra a gordofobia, pode ser reconhecido como o que a autora Sonia E. Alvarez classificou como o terceiro momento¹⁸ da trajetória feminista latinoamericana, o “*sidestreaming*”, definido como “o fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil, e a resultante multiplicação de campos feministas.” (ALVAREZ, 2014, p. 17)

Os diferentes campos feministas se articulam discursivamente, as linguagens e o uso e apropriação de diferentes termos e conceitos fazem parte de uma “espécie de gramática política que vincula as atoras/es que com eles se identificam” (ALVAREZ, 2014, p. 18).

O movimento feminista tem fluxos que resultam de suas relações dinâmicas, tanto de interações internas e com outros movimentos bem como de interações com os campos externos de poder em determinado contexto histórico.

Para Alvarez (2014), as feministas consideradas “jovens” que começaram a atuar após a virada do século XX têm diferenças em suas atuações e vem realizando mudanças a partir da ampliação de sua relação com a sociedade não-cívica, ou seja, em meios não institucionalizados.

Se a internet já era importante no campo feminista latinoamericano desde meados dos anos 1990, as redes ou meios sociais hoje têm um papel de destaque, especialmente na popularização dos feminismos e na articulação desses campos incipientes e mais precarizados. (ALVAREZ, 2014, p. 45)

Rodrigues (2013) chama a atenção para o fato de que a partir dos anos 2000 o Estado adquire maior presença pública no campo feminista por meio do “feminismo estatal participativo”, participando dos processos organizativos de marchas e

¹⁸ O primeiro momento é o “centramento” em que o feminismo está no singular e o segundo momento é o de “mainstreaming” e de “descentramento” em que ocorre a pluralização dos feminismos e do gênero. (ALVAREZ, 2014).

conferências. O Estado estaria promovendo então uma espécie de “sidestreaming via mainstreaming”.

Um dos exemplos de popularização da luta anti-gordofóbica é a adesão dessa bandeira na página Humaniza Redes – Pacto Nacional de Enfrentamento às Violações de Direitos Humanos, que é uma iniciativa do Governo Federal coordenado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República em parceria com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretaria de Políticas para as Mulheres, Ministério da Educação, Ministério das Comunicações e Ministério da Justiça para garantir mais segurança virtual aos/às usuários/as brasileiros/as na internet. Segue a postagem realizada no dia 17 de fevereiro de 2016 na página do *Facebook* do Humaniza Redes:

“É gorda porque não se cuida”.

“Por que você não faz uma dieta?”

“Só estou falando pelo seu bem”.

“Precisa-se de funcionário com “boa aparência”.

Expressões como essas são discursos discriminatórios disfarçados de preocupação com a saúde. Isso, não é legal.

Calma. Precisamos falar sobre a opressão sofrida por pessoas gordas na sociedade.

[#Gordofobia](#) não é apenas opressão ao padrão estético e nem apologia à obesidade. A campanha é para esclarecer que as pessoas gordas têm que ter o seu espaço na sociedade, roupas p/ o seu tamanho, ter acesso a emprego e principalmente, ser respeitada pela sociedade como um todo.

Como o assunto ainda é novo separamos um FAQ elaborado pelo [Voz das Gordas](#) e [Beleza Sem Tamanho](#).

Migas e Mígos vamos nos aceitar, nos amar e ser feliz. 

Imagem 2



Legenda: Desenho de mulher gorda de biquíni com os dizeres “Humaniza redes e todos nós juntos contra a gordofobia! #maisrespeitonenhumpreconceito”

Fonte: Humaniza redes/Facebook 2016

Duas das páginas estudadas neste TCL colaboraram com a postagem do “Humaniza Redes”, como nota-se. A página “Voz das Gordas” e a página “Beleza Sem Tamanho”. É importante destacar esta relação para que se compreenda a formação das redes de interação sobre a temática gordofóbica.

A página “Humaniza Redes” que tem atualmente 249.328 seguidores/as tem grande visibilidade na rede social e a iniciativa de apoiar a luta anti-gordofóbica não foi aceita passivamente por todos/as leitores/as como nota-se no comentário do leitor Elton Rêgo a seguir:

Elton Rêgo Obesidade é uma doença crônica e tem cura, tal como a anorexia. A obesidade deve ser vista de forma atenciosa. O melhor remédio para obesidade, é ATITUDE. Escolha alimentos saudáveis. Devemos olhar essa questão de obesidade, não como um fator de padrão de beleza e sim como questão de saúde pública. Vamos levantar campanhas em prol da vida, campanhas de educação alimentar e hábitos saudáveis.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [25](#) · [18 de fevereiro às 04:44](#)

[Ver mais 2 respostas](#)



[Humaniza Redes](#) Elton, 10 – Mas obesidade é doença, por que vocês estão fazendo apologia à uma doença?

Lutar contra a gordofobia não é glorificar a obesidade. Nós sabemos sim que quando você chega a um determinado peso isso vai afetar sua saúde, da mesma forma que ser magro demais também afeta. Mas, independente da pessoa ser saudável ou não, ela merece ter espaço na sociedade, roupas do tamanho dela, poder ter acesso a emprego, ser respeitada pela sociedade como um todo.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 5 · 18

Apesar de ainda não ter entrado especificamente na análise de conteúdo das páginas virtuais como propõe a divisão deste TCL, vemos aqui pela primeira vez como se produz uma postagem e como a postagem está aberta a críticas e à interação virtual. Neste caso, como se trata de uma página institucional (diferente das demais páginas que estudei como foco deste trabalho), existe uma pessoa responsável por responder às dúvidas de qualquer usuário/a. A resposta dessa pessoa responsável precisa ser cortês e polida.

A linha tênue entre saúde e obesidade é uma das problemáticas que envolve as relações que podem vir a legitimar a gordofobia como um preconceito válido. É sobre este tema que irei me debruçar relacionando as autoras anti-gordofobia e a teoria na área da saúde e das ciências sociais no capítulo a seguir.

6. Temas frequentes das páginas virtuais anti-gordofobia¹⁹ e a troca de saberes

6.1 Saúde

É importante localizar a saúde no campo das discussões sobre gordofobia pois de acordo com as formadoras de opinião, o discurso oficial da saúde legitima gordofobia, não reconhece a autonomia da pessoa gorda e, assim, o discurso das ativistas gordas se coloca em oposição ao que vem sendo produzido em relação aos corpos gordos na medicina tradicional, apoiando-se inclusive em estudos da saúde acadêmicos embrionários em que se contrapõe a ideia pura do corpo e em que os aspectos sociais da construção do discurso do corpo são levados em consideração. Trago um breve resumo

¹⁹ Outros temas extremamente relevantes para a luta anti-gordofóbica como medicalização do corpo gordo, relacionamentos amorosos, classe social entre outros não foram tratados por não haver recorrência dos temas nas páginas estudadas durante o período de pesquisa e pela limitação de espaço para discorrer sobre esses temas neste TCL, tendo sido destacados os mais recorrentes.

sobre o discurso médico dominante sobre os corpos gordos e o que vem sendo produzido numa resistência a esse discurso.

Os relatos das mulheres gordas nas páginas virtuais demonstram que a justificativa mais comum ao questionar o corpo do outro como “errado” é a de preocupação com sua saúde.

O que as ativistas gordas reivindicam é a não relação necessária entre seus corpos e doença. A identificação imediata do considerado excesso de gordura corporal com doença, pode ser contraprodutivo inclusive em avaliações médicas. É comum que ao invés de um exame mais acurado sobre o estado de saúde física da pessoa gorda, o problema de saúde seja mais rapidamente atribuído ao excesso de gordura, podendo mascarar outras possíveis causas. Esse tipo de conduta é tratado pelas ativistas como negligência médica, sendo uma das reivindicações presentes em vários textos e praticamente consensual entre as pessoas que participam das discussões combatendo a gordofobia.

Um dos temas já bastante discutidos na academia trata da insuficiência e limitação da mensuração de massa corporal por meio do instrumento Índice de Massa Corporal (IMC). Apresentarei aqui os motivos e como este instrumento acaba sendo mais útil de maneira superficial para medir o aumento ou a diminuição da massa corporal de grandes populações. Em uma análise individual, o IMC diz pouco sobre o/a paciente.

O texto “Obeso saudável: isso existe?” foi compartilhado em uma das páginas anti-gordofobia traz a pesquisa publicada na Revista Science em 2013 (AHIMA & LAZAR, 2013) que mostra as controvérsias do uso do IMC para medir a normalidade corporal. A pesquisa sugere que:

Embora seja amplamente usado, o IMC não mede acuradamente a quantidade de gordura, reflete as proporções de músculo e gordura, ou leva em consideração diferenças entre sexo e raça na quantidade de gordura e distribuição de intra-abdominal (visceral) e gordura subcutânea.²⁰

Isto porque, nas pesquisas realizadas aparece um resultado que parece contraditório: existe grande porcentagem de pessoas obesas metabolicamente saudáveis e grande quantidade de pessoas classificadas pelo Índice de Massa Corporal como normais que não estão saudáveis.

²⁰ Tradução da autora do TCL. Original: “Although it is widely used, the BMI does not accurately measure fat content, reflect the proportions of muscle and fat, or account for sex and racial differences in fat content and distribution of intra-abdominal (visceral) and subcutaneous fat.”

É possível uma pessoa ser obesa e metabolicamente saudável? Sim, de acordo com a pesquisa. Assim como pessoas que tem sua massa corporal considerada adequada podem não ser saudáveis metabolicamente. Um IMC saudável pode mascarar uma nutrição pobre e falhar em detectar diferenças cruciais em gordura e conteúdo muscular.

Realizada a crítica sugere um novo modelo de mensuração de saúde metabólica: “uma nova padronização que quantifica a adiposidade abdominal em oposição ao IMC e altura é pensada como melhor na previsão de mortalidade.”²¹

A gordura não está automaticamente ligada à falta de saúde metabólica, a gordura não é um mal em si e nem todas as pessoas sobrepeso ou obesas são “não-saudáveis” metabolicamente. Existem pessoas no nível normal que não são saudáveis. Não se nega que as estatísticas apontam que quem tem a maior quantidade de gordura visceral, (sendo mais suscetíveis a doenças cardiovasculares, diabetes, hipertensão, entre outras) são as pessoas obesas, no entanto, essa explicação mais detalhada é de suma importância para a compreensão de que a avaliação em relação à saúde metabólica de uma pessoa não pode ser avaliada apenas de maneira visual e superficial.

O estudo também traz o fato de que dietas radicais com grande perda de massa por parte de quem a está realizando falharam em reduzir o ataque cardíaco e derrame em pessoas com diabetes tipo 2.

Isso significa que a gordura da pessoa não necessariamente está vinculada à doença, assim como a magreza não está necessariamente vinculada à saúde. A preocupação com a saúde acaba se voltando a medidas não-eficazes de contenção do aumento de peso da população (POULAIN, 2013). O Estado executa ações de prevenção à obesidade que se mostram na maioria das vezes ineficazes, isso se falando em escala mundial, uma vez que não produzem mudanças estruturais nas formas de produção e consumo dos alimentos ou no modo de vida das pessoas.

Um exemplo dessas medidas é a ação de “pesagem em sala de aula”. Esta ação consiste na pesagem dos(as) alunos(as) em que busca-se verificar se as crianças encontram-se na faixa considerada de normalidade do IMC. Esta pesagem geralmente realiza-se na frente de outros colegas e a criança é exposta a uma situação de envergonhamento na frente de seus colegas. As crianças, encabuladas, buscam métodos não saudáveis de emagrecimento, desenvolvendo transtornos alimentares. (COSTA, 2013)

²¹Tradução da autora do TCL. Original: “a new index that quantifies abdominal adiposity relative to BMI and height is thought to be a better predictor of mortality”.

Os transtornos alimentares são considerados doenças. A maior incidência de transtornos alimentares ocorre em crianças e adolescentes (APOLLINÁRIO; CLAUDINO, 2000).

Os trabalhos epidemiológicos também fornecem informações relevantes sobre a distribuição dos transtornos alimentares. Estes são claramente mais prevalentes entre mulheres do que homens, numa proporção de 10:1 (Hsu apud AZEVEDO & MORGAN, 1998).

Existem vários tipos de transtornos alimentares, sendo os mais comuns: a bulimia nervosa, que consiste na indução ao vômito após o consumo refeições exageradas ou na ingestão de diuréticos, laxantes, cocaína, cafeína e outras drogas que eliminem o alimento consumido antes que sejam absorvidos seus nutrientes; e a anorexia nervosa correspondente à preocupação exagerada com o peso corporal gerando distorções sobre sua auto-percepção e praticam atividades físicas em excesso, doença geralmente associada à bulimia nervosa (VARELLA); ambos estão vinculados ao desejo de emagrecimento. A porcentagem de mulheres dentre as pessoas que sofrem de anorexia e bulimia é de 90%. (G1 GLOBO, 2011). Caso não sejam tratados, os transtornos alimentares podem levar à morte em decorrência de complicações de saúde tais quais a desnutrição e a desidratação. De acordo com Pereira (2012) pacientes com transtornos alimentares apresentam um risco 58% maior de cometer suicídio, sendo considerados como fatores de risco.

Levando em conta a combinação das questões apresentadas no TCC até o momento, Poulain (2013) coloca que: “A motivação da vontade de emagrecer está raramente associada à saúde.” (POULAIN, 2013, p.71)

Brownell (1991) segundo Azevedo e Morgan (AZEVEDO & MORGAN, 1998) discorre sobre duas crenças falsas que estão ligadas à busca do corpo ideal: 1) a noção de que qualquer pessoa que siga as prescrições culturais de uma dieta ideal e de exercícios pode moldar seu corpo e atingir o ideal sem levar em consideração a limitação genética; 2) Passa a acreditar-se que a forma física ideal depende apenas do esforço pessoal e o fracasso é tido como falta de “conotações simbólicas de sucesso” como autocontrole, liberação sexual, competência, autodisciplina em oposição à fraqueza e preguiça. O emagrecimento significaria sucesso na profissão, relações sociais e relacionamentos amorosos.

De acordo com as ativistas gordas próprio conceito de saúde necessita ser revisto

enquanto preocupação meramente metabólica. A saúde mental e social vem sendo cada vez mais reivindicada por esses grupos

A gordofobia, como desenvolvido, envolve diversas dimensões, desde a estigmatização à exclusão social da pessoa gorda às quais aprofundarei a seguir categorizando o conteúdo virtual trabalhado em: saúde, trabalho e religião.

Para a contextualização da discussão sobre saúde para além do âmbito biológico no Brasil é importante ressaltar a ampliação do conceito de saúde a partir o relatório da VIII Conferência Nacional de Saúde (1986) considerando fatores materiais determinantes da saúde tais quais: moradia, alimentação, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, transporte, lazer, acesso a bens e serviços essenciais. Essa definição é utilizada na base de atuação do Sistema Único de Saúde (SUS).

As políticas progressistas da Secretaria de Direitos Humanos no Brasil elaboraram políticas de saúde direcionadas a populações minoritárias (em sentido de poder político e econômico) como LGBT²², da floresta, negros, jovens, idosos, provindos de políticas progressistas da Secretária de Direitos Humanos. O extinto Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos²³ também vinha especificamente atuando na inclusão dessas pautas.

“Contar histórias de todos os tipos é a principal forma desenvolvida pelos seres humanos para atribuírem sentido a si próprios e sua vida social.”. (PATEMAN, 1993, p. 15)

É por meio das vozes de mulheres gordas que as histórias vão ser contadas, dando um sentido à existência do movimento gordo. Essas histórias têm muito a ver com conceitos utilizados em movimentos sociais considerados pós-modernos²⁴: “vivência” e “experiência”.

²² Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.

²³ Criado durante o governo de Dilma Rousseff em 2013 e extinto pelo governo do presidente golpista Michel Temer em 2016.

²⁴ Inclusive pelo feminismo interseccional.

A vivência, ou a experiência podem ser usadas como sinônimos de situações vividas pelos indivíduos. A partir dessas experiências são realizadas reflexões que engendram formas de ver o mundo.

Na internet não há professoras/es sobre o tema da gordofobia, há pessoas que informam e criam conteúdo, sendo divididas as pessoas entre produtoras de conteúdo e seguidoras/es.

Na internet é fácil encontrar diversas páginas e grupos em redes sociais, blogs e sites (tanto pessoais quanto de revistas virtuais) em que o termo gordofobia é apropriado e desenvolvido. O termo gordofobia vem se popularizando no Brasil nos últimos anos desde que foi colocado por grupos feministas para discutir o lugar de subalternidade da pessoa gorda, em especial da mulher gorda.

São encontradas análises de militantes mulheres brasileiras que sofrem dessa opressão, com riquíssimas contribuições na desconstrução de algumas ideias preconcebidas sobre a pessoa gorda e depoimentos denunciando casos de preconceito que vão desde lojistas (especialmente os/as lojistas de vestuário) a profissionais da saúde.

A problematização da gordofobia na internet já encontra tal eco e diálogo que a desconstrução de alguns preceitos já possibilitou a chegar ao nível de criação de categorias da para melhor compreender a gordofobia por Regina (2013):

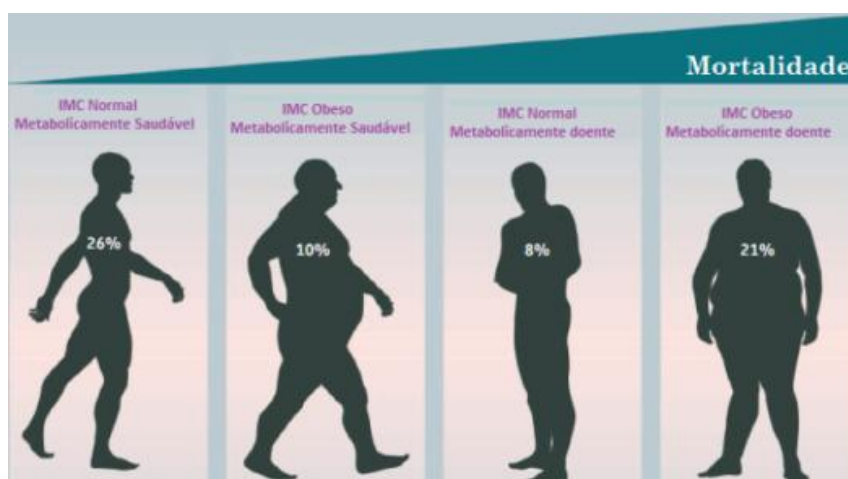
1. A gordofobia médica: “Mas o problema não é estética, o problema é a saúde, todas as pessoas devem se sentir bem desde que estejam saudáveis! Obesidade não é saudável e causa muitos problemas de saúde, assim como anorexia. Ninguém deveria gostar de ser gordo! Gordura é uma questão de saúde pública”;
2. A gordofobia do desejo: “Pessoas gordas não tem auto-estima, não são desejadas por ninguém e não tem vida sexual ativa”;
3. A gordofobia da culpa: “Pessoas gordas não tem disposição pra nada e não tem força de vontade”;
4. A gordofobia social: “Nada fica bom em uma pessoa gorda, não existem roupas bonitas e elas não podem usar salto”;
5. A gordofobia do outro: “Mas eles não estão falando de mim, estão falando daquelas beeeeeeeem gordas”.

A autora explica de maneira didática e informal em seu blog como se desenvolvem cada uma dessas categorias em nossa sociedade.

As autoras colocam que na maioria das vezes o que está em jogo é a estigmatização e a vigilância ao corpo gordo, uma vez que não é dado o mesmo tratamento invasivo a pessoas que estão com doenças como câncer, HIV, pneumonia, entre outros considerados também problemas de saúde.

É comum que as pessoas gordas escutem sugestões de como emagrecer de formas violentas, como, por exemplo, recebendo comentários quando estão alimentando-se.

Imagem 3



Legenda: Porcentagens de pessoas consideradas metabolicamente saudáveis e doentes de acordo com a gordura corporal acumulada.

Fonte: Ahima & Lazar, 2013

É possível uma pessoa ser obesa e metabolicamente saudável? Sim, de acordo com a pesquisa do texto “Obeso saudável: isso existe?” citado anteriormente (AHIMA & LAZAR, 2013). Assim como pessoas que tem sua massa corporal considerada adequada podem não Isto porque, nas pesquisa realizadas aparece um resultado que parece contraditório: existe grande porcentagem de pessoas obesas metabolicamente saudáveis e grande quantidade de pessoas classificadas pelo Índice de Massa Corporal como normais que não estão saudáveis.

É possível uma pessoa ser obesa e metabolicamente saudável? Sim, de acordo com a pesquisa. Assim como pessoas que tem sua massa corporal considerada adequada podem não ser saudáveis metabolicamente. Um IMC saudável pode mascarar uma nutrição pobre e falhar em detectar diferenças cruciais em gordura e conteúdo do músculo esquelético.

Realizada a crítica sugere um novo modelo de mensuração de saúde metabólica: “uma nova classificação que quantifica adiposidade abdominal relativa ao IMC e à altura acredita-se ser uma melhor forma de prever a mortalidade”.

A gordura não está automaticamente ligada à falta de saúde metabólica, a gordura não é um mal em si e nem todas as pessoas sobrepeso ou obesas são “não-saudáveis” metabolicamente. Existem pessoas que estão dentro do nível considerado “normal” de gordura que não são saudáveis.

Isto é de suma importância para a compreensão de que a avaliação em relação à saúde metabólica de uma pessoa não pode ser avaliada apenas de maneira visual e superficial. A inserção de pesquisas que mostram outras classificações que não por meio do IMC demonstram que a insuficiência do índice é notada pelos estudiosos da área da saúde. Criar novas formas de classificação que contribuam para patologização das pessoas gordas, não é, no entanto, algo endossado pelas autoras deste trabalho.

É unanimidade entre as autoras selecionadas para as entrevistas desta pesquisa que a maior crítica que recebem como ativistas contra a gordofobia é de que fazem apologia à obesidade.

Este ponto é crítico para avançar na compreensão do que elas estão tentando falar e do que se entende, parte do processo de troca de informações e diálogo na internet. Também para compreender a consolidação maior de temas aos quais as produtoras de conteúdos e ativistas gordas são confrontadas por pessoas que não fazem parte do ativismo gordo. Ao serem mais confrontadas sobre determinado tema, busca-se mais justificativas para rebatê-los com argumentos convincentes e embasados.

Gordofobia médica

Uma das entrevistadas, dona da página “Não sou exposição”, revela porque se aproximou do tema da gordofobia “*Sou nutricionista e observo exemplos diários de discriminação contra gordos disfarçados de preocupação com a saúde e esse discurso mascarado começou a me incomodar.*”

A nutricionista, busca no ativismo gordo, no feminismo e em pesquisa científicas alternativas, respostas concretas para os problemas clínicos com que se depara no dia-a-dia.

O texto intitulado “Só estou preocupada com a sua saúde” do site “Lugar de mulher” (POLLY, 2014) demonstra na exposição de um e-mail que as editoras do blog

receberam de uma leitora médica pediatra que a relação entre a militância contra a gordofobia pode ser problematizada junto à aplicação técnica de conhecimentos em saúde:

Consultório de pediatria. Paciente de 12 anos, gordinha, com taxa de colesterol alta e péssimos hábitos alimentares. Olho pra ela e digo, sem dó, “você tem que emagrecer!”

A frase ecoa no ambiente e volta doendo nos meus ouvidos. Eu, feminista e leitora do Lugar de Mulher propagando essa ideia pra uma menina de 12 anos? Quais questionamentos estou ajudando a plantar na cabeça dessa criança?

Refaço meu discurso: “Desculpa, Lívia, não tem nada errado no seu corpo. Não tem problema ser mais gordinha ou mais magrinha, desde que você se alimente bem. Quis dizer que biscoito recheado na merenda todo dia não é bom pra sua saúde porque vai aumentar açúcar e gordura no seu sangue. Quero que coma mais frutas e experimente legumes e verduras, tá bom?”

Ela só deu um sorriso e foi embora.

Como médica não posso fazer vista grossa a respeito da alimentação errada de uma criança, mas preciso medir as palavras pra não fazê-la odiar o seu corpo. Não é esse o caminho.

As autoras das páginas anti-gordofobia “contra-atacam” a afirmativa de que pessoas gordas não podem ser saudáveis focando em exemplos que auxiliem na representatividade da pessoa gorda ativa pois acreditam que a imagem de pessoas gordas sedentárias desmotive de fato as pessoas gordas a se exercitarem, seja por vergonha, medo de se exporem ou falta de crença em sua própria capacidade.

Tema frequente: Acessibilidade

Uma mulher magra também tem seus problemas de aceitação e também pode ser julgada a vida toda pelo seu corpo, porém ela não tem problemas de acessibilidade, ela não é diretamente julgada incompetente no momento em que entra em um consultório médico e qualquer doença não vai ser relativa ao seu peso”. Como exemplo, Profili cita casos em que mulheres gordas procuram atendimento médico por problemas como enxaqueca, mas não são sequer examinadas e recebem folhas com dietas – algo que, em sua perspectiva, as mulheres magras não enfrentam. (ARRAES, 2014)

Um dos consensos que aparecem em relação à gordofobia nas páginas *on-line* é

a diferenciação entre gordofobia e pressão estética. É possível acompanhar várias postagens, textos e artigos sobre essa diferenciação, desde análises mais superficiais a análises cada vez mais acuradas. A noção de gordofobia enquanto “opressão estrutural” também vai aos poucos transformando-se em senso comum entre as militantes gordas.

É importante perceber como se dá a criação de consensos e sentidos comuns dentro das discussões sobre gordofobia. Há a exposição de termos analíticos que podem ou não serem aceitos pelas/os leitoras/es. Quando aceitos geralmente serão utilizados em mais textos e de forma progressiva vão aparecendo cada vez mais em comentários relacionados ao assunto. A apropriação de termos que são amplamente usados demonstra a ressonância de determinada discussão.

Voz das Gordas

26 de março às 03:35 ·

Para "comemorarmos" as nossas 10 mil curtidas, vamos fazer uma pequena série com 10 posts contendo direitos, conquistas e anseios necessários para as pessoas gordas. Obviamente que nossos direitos são muito mais do que isso, mas vamos listar alguns dos mais reivindicados e citados.

Imagem 4



Legenda: Imagem parte da postagem da página Voz das Gordas

Fonte: Página Voz das Gordas (2016) Disponível em:

<https://www.facebook.com/VozdasGordas/photos/a.1497879587119435.1073741828.1497873710453356/>

[1712029325704459/?type=3&theater](https://www.facebook.com/VozdasGordas/photos/a.1497879587119435.1073741828.1497873710453356/1712029325704459/?type=3&theater) Acesso em: 27 mar 2016

6.2 Recursos didáticos utilizados e outros temas frequentes (beleza, acessibilidade e trabalho)

Textão como recurso didático

O “textão” na internet, trata-se de um tipo de texto mais longo (do que aproximadamente 2 parágrafos) que necessita de uma dedicação maior de tempo (lembrando que na internet a rapidez é de suma importância) para leitura e compreensão do texto. Geralmente os textões são publicados no *Facebook*. Para chamar a atenção para artigos (diferentes dos textões pois são mais longos) são colocados trechos dos artigos e uma chamada com o link para a página externa ao *Facebook*.

Tema frequente: Trabalho

As temáticas de inserção no mercado de trabalho relacionadas a pessoas gordas são frequentes. A necessidade de enquadramento em determinado nível de IMC para assumir cargos em alguns concursos públicos e a associação da pessoa gorda à estigmas de preguiçosa, com falta de perseverança ou disciplina bem como a necessidade de apresentação de uma aparência bela dentro dos padrões estabelecidos especialmente pela mídia, as coloca em desvantagem no mercado de trabalho.

A notícia sobre a diarista Josiani Alves foi compartilhada por diversas páginas anti-gordofobia. A diarista não poderia assumir o cargo ao qual se qualificou via concurso, de agente de serviços gerais em uma creche, porque de acordo um médico de uma empresa contratada pelo município (Buritama – SP) ela não estaria apta para assumir o cargo por ser considerada “obesa mórbida”. (G1, 2014) A notícia gerou indignação (maior motor dos movimentos sociais segundo Castells) e a professora foi amplamente apoiada por meio das redes.

O sentimento de indignação muitas vezes causa reflexões. As reflexões podem ser transpostas em “textões”. Outra postagem relacionada à temática fala especificamente da questão do mercado de trabalho e da opressão gordofóbica. A seguir, podemos ver um exemplo de textão:

Página Voz das gordas dia 12/03/2016

[Voz das Gordas](#)

[1 h](#) ·

A FALÁCIA DA 'BOA APARÊNCIA' NO MERCADO DE TRABALHO E A EXCLUSÃO GORDOFÓBICA

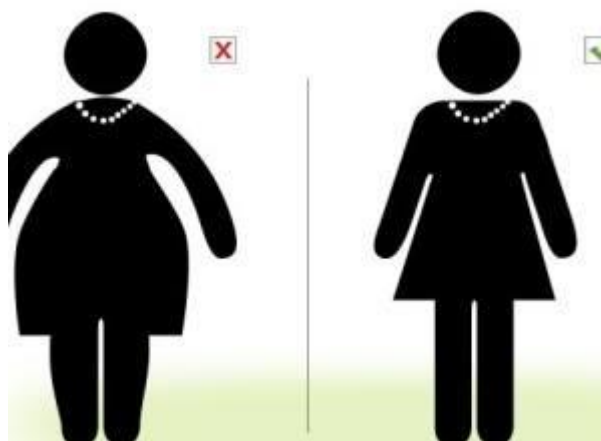
Muitos de nós com certeza já vimos em algum anúncio de emprego, quando se fala dos requisitos básicos para o trabalho, a exigência de uma ""boa aparência"". Essa 'boa aparência é uma forma "sutil" de discriminação, é uma forma velada da opressão agir. O que eles chamam de boa aparência é sinônimo de pessoa branca, de cabelo liso e magra. Mesmo um trabalho que não se use da aparência diretamente exigem isso. Quantas vezes pessoas gordas, ao enviar um currículo são quase contratados para o trabalho, e ao chegar lá pessoalmente para a entrevista são descartados, pelo simples fato de serem gordas?

A verdade é que não se pode nem deve marginalizar e excluir alguém de um trabalho que use ou não direta ou indiretamente a aparência, bem porque todas as aparências e padrões de beleza são bons e válidos. E mais do que isso: esse não é um indicativo da competência e habilidade. Muitas profissionais qualificadas deixam de ser contratadas pelo fato de não se enquadrarem no padrão magro e branco. Independente da qualificação, desclassificar um profissional pela "boa aparência" é errado e absurdo.

A desculpa de que eles precisam "zelar pela imagem da empresa" é ridícula e preconceituosa, tendo como único intuito excluir um tipo físico por não fazer parte do status quo. É uma questão estrutural.

CRÉDITO DE IMAGEM: Página da CBN Tocantins

Imagem 5



Legenda: Imagem parte do textão publicado pela página Voz das Gordas

Fonte: Página da CBN Tocantins apud Página Voz das Gordas (2016). Disponível em <https://www.facebook.com/VozdasGordas/posts/1705647503009308:0> Acesso em 26 mar 2016

Listas como recurso didático

As listas são um recurso didático recorrente nas páginas estudadas. Quando não são elaboradas pelas próprias autoras, são compartilhadas, advindas de outros sites. As listas podem ter um tom mais contestador, irônico ou cômico. Vamos ver aqui quatro exemplos encontrados.

Exemplo 1:

Postagem realizada no Coletivo anti-gordofobia, atual Voz as Gordas de Isabela Gil no dia 3 de setembro de 2015:

PESSOAS NÃO GORDAS SE TOQUEM:

"GORDOFOBIA

Existem muitas maneiras de ser uma pessoa gordofóbica. Não apenas as óbvias como xingar alguém. Você é gordofóbica quando:

1. Associa pessoas gordas a comida, especialmente comida gordurosa ou calórica
2. Usa a expressão gordice
3. Fala que precisa emagrecer ao lado de uma pessoa gorda (a gente sabe que isso é pra você se sentir melhor consigo mesmo)
4. Fica batendo na tecla do quanto está emagrecendo/engordando ao lado de

- uma pessoa gorda
5. Dá dicas de dieta ou exercícios sem ser solicitado
 6. Usa discurso de saúde (você não tem a ver com a saúde de outra pessoa)
 7. Faz associação de pessoas gordas a imagens negativas ou de pessoas burguesas (igual aquelas páginas vegans²⁵ fazem, colocando uma pessoa gorda comendo carne e uma magra feliz e vegan)
 8. Não assume relacionamento com uma pessoa gorda ou sequer conseguiria se imaginar em um
 9. Fala que a pessoa tem um "rosto bonito" mas deveria emagrecer
 10. Critica roupa e estilo de pessoas gordas
 11. Associa pessoas gordas a sedentarismo
 12. Diz (e pensa) que certas coisas não são para gordes (como tatuagem, cabelo curto, etc)
 13. Dá risada ou acha graça de pessoas gordas em lugares públicos
 14. Lança olhares de nojo para pessoas gordas comendo ou fica reparando o que elas vão comer
 15. Assume que pessoas gordas não sofrem de transtornos alimentares como anorexia
 16. Elogia pessoas que emagreceram por causa de doenças
 17. Pensa que uma pessoa gorda será mais "fácil" para chegar ou que ela deve "se esforçar" no sentido sexual para compensar não ter um corpo padrão
 18. Espera que a pessoa gorda seja sempre simpática/engraçada, que tenha comportamento estereotipado
 19. Duvida da capacidade de controle e estabilidade emocional de uma pessoa gorda (porque só "dessa maneira" ela teria engordado).
 20. Assume a sexualidade ou identidade de gênero de uma pessoa gorda baseado no fato dela ser gorda. (uma mulher cis²⁶ gorda que não usa vestidos só pode ser sapatão²⁷ porque sim. assumir que um homem trans²⁸ é uma mulher por causa do tamanho dos seios e largura dos quadris, por ser gordo)
 21. É complacente, ficando quieto ou incentivando, com piadas gordofóbicas
 22. Assume o discurso de fat positive, sendo uma pessoa magra, mas a qualquer grama que você ganha tem ataque de nervos
 23. Subestima intelectual, sexual e/ou fisicamente uma pessoa gorda
 24. Silencia uma pessoa gorda, ou compara seu bullying por ser uma pessoa magra com gordofobia
 25. Nega a existência de privilégio magro (feito todos os recortes, ninguém tá

²⁵ Vegans: grupo de pessoas que não se alimentam de produtos que possuam qualquer tipo de origem animal.

²⁶ Mulher cisgênero: mulher cujo gênero corresponde ao gênero de nascença.

²⁷ Sapatão: termo que designa mulher lésbica.

²⁸ Homem transgênero: homem cujo o gênero não corresponde ao gênero de nascença.

- falando que quem passa fome tem privilégio), ou zomba/não aceita a existência da gordofobia
26. Fala "lipofobia"
27. Tem medo de "estar" gorde (ser gorde não é um estado emocional)
28. Constrange ou humilha uma pessoa gorda por ela mostrar cansaço ao fazer atividades físicas, ou fome ao seu lado. (até quando você mesmo está sentindo essas coisas)
29. Parabeniza a pessoa por ter emagrecido (inclusive quando ela manteve o peso ou até engordou)
30. Faz chantagem emocional quando a pessoa gorda está comendo ou diz ter fome
31. Parte do princípio que toda pessoa gorda está doente e/ou tem problemas de saúde
32. Calcula a quantidade de comida no prato de uma pessoa gorda e a frequência com a qual ela come
33. Não aceita pessoas gordas na sua empresa
34. Não representa pessoas gordas na sua marca ou arte por achar "feio"
35. Se recusa a atender uma pessoa gorda no seu estabelecimento (ou a atende mal)
36. Fala que não quer engravidar para não ficar "deformada"
37. Não produz roupa em tamanho grande para sua marca
38. Não disponibiliza carteiras, cadeiras e mesas adequadas para pessoas gordas em seu estabelecimento, escola, universidade, escritório, etc.
39. Fetichiza e objetifica pessoas gordas
40. Assume que todos os problemas de uma pessoa gorda vão acabar a partir do momento que ela emagrecer.
41. Parte do pressuposto que uma pessoa gorda se odeia, ou quer emagrecer porque ela reclamou de uma atitude gordofóbica
42. Fica o TEMPO TODO elogiando as partes mais gordas (tipo a barriga) de uma pessoa gorda só pra pagar de desconstruíde - só tá passando vergonha colega
43. Esquece que uma pessoa gorda sente tesão em várias partes, alisar a barriga dela NÃO É a única forma de acariciar/seduzir/mostrar afeto. só faz a pessoa gorda se sentir uma pessoa grávida
44. Aperta pessoas gordas só porque é "fofo", apenas faça isso se tiver intimidade e consentimento para tal
45. Assume que uma pessoa gorda é descuidada com sua aparência
46. Faz uso de eufemismos para a pessoa gorda: fofinhe, gordinhe, cheinhe, fortinhe, etc.
47. Assume que uma pessoa gorda está sozinha ou tem problemas para se

- relacionar com pessoas
48. Pensa que uma pessoa gorda só pode ser atraente ou agradável por sua personalidade
49. Não consegue usar a palavra gordo/gorda/gorde ou só a usa em contexto negativo
50. Ignora a gordofobia dentro das pautas feministas
51. Fala que admira a coragem de uma pessoa gorda ao fazer coisas como usar roupa de banho (nota minha: penso que isso não vale para outras pessoas gordas, uma vez que essas estarão admirando e muitas vezes se inspirando a fazer o mesmo)
52. Só chega na pessoa gorda em balada/festa em fim de noite porque não conseguiu nada melhor (a gente sempre sabe)
53. Dá de presente roupas de um tamanho obviamente menor do que o da pessoa, pra não ofender com o número grande e dizer "mas dá pra trocar, viu?"
54. Fica surpreso quando uma pessoa gorda recusa comida, em qualquer circunstância
55. Diz " quando você emagrecer...", assumindo que necessariamente isso faz parte do plano de vida da pessoa
56. Coloca apelidos como "meu gordinho" ou "meu gordo" pra uma pessoa magra
57. Acha que gorda tem que ficar com todo homem que der em cima porque "tem que aproveitar as oportunidades
58. Acha que uma gorda tem que ficar agradecida por ser estuprada ou assediada ou abusada sexualmente
59. Acha que uma gorda NÃO É ASSEDIADA
60. Usa o termo magrofobia, ou usa tópicos de gordofobia para falar de sofrimento de pessoas magras
61. Iguala opressão estética a gordofobia
62. Usa a expressão gordelícia (NUNCA USE!)
63. Fala que gordofobia não é opressão pois ser gorde é algo que você "pode mudar"
64. Ignora que a tristeza da pessoa gorda pode vir de vários outros aspectos da vida dela e nao do fato dela ser gorda
65. Se diverte assistindo programas de humilhação e emagrecimento de pessoas gordas na TV.
66. Usa a expressão "peso ideal", especialmente acompanhada da palavra "acima". E não comecem com papo de IMC que é algo já cientificamente ultrapassado
67. Assume como algo ruim, ou detestável, colocar roupas que dêem a

impressão que o corpo é maior, ou que acentue partes maiores do corpo (tratar como pior coisa do mundo usar blusa de listra horizontal)"

Esta lista assemelha-se ao textão, é preciso de um pouco mais de concentração para lê-la em relação à maioria dos textos curtos que circulam nas redes sociais. Ela tem um tom sério e contestador.

Exemplo 2:

Texto compartilhado por páginas anti-gordofobia publicado no dia 22 de abril de 2015.

Fonte: Site BuzzFeed, 2015. Disponível em https://www.buzzfeed.com/irangiusti/15-frases-que-revelam-que-preconceito-contra-gordos-e-real?utm_term=.yr7o11P6Z#.vsdD55ywE Acesso em 7 mai 2017

15 frases que revelam que preconceito contra gordos é real
Conversamos com algumas pessoas que relataram o que ouvem no cotidiano.

Iran Giusti

Equipe BuzzFeed, Brasil

1. “Tem certeza que vai usar esse short mostrando as suas pernas?”

Tenho, se reclamar mostro a barriga, o peito, o braço e tudo mais porque é tudo meu e mostro quando eu quiser.

2. “Já pensou em fazer exercício?”

Hum, eu já faço e é ótimo.

3. “Você tem um rosto lindo.”

botando o sorriso amarelo na cara

4. “Nossa, você é tão bonita. Se emagrecesse ficaria mais ainda!”

HUM.

5. “Nossa, queria ser assim como você e não me importar com o que como!”

Amigo, eu sou gordo não um triturador de alimentos.

6. “Nossa como você engordou, está acontecendo alguma coisa?”

Sim, a vida.

7. “Nossa, fulana tá um bujão!”

E o que você tem a ver com isso?

8. “Ah, imagina que você veste GG/46. Pega esse tamanho menor que vai ficar ótimo”.

NÃO FORÇA, AMIGA!

9. “Ai vou ficar te devendo, não temos nada do seu tamanho.”

Cê jura?

10. “Uma amiga da amiga da minha amiga toma um remédio que ajuda a emagrecer, por que você não procura?”

Tô de boa, valeu mesmo.

11. “Não tô falando por estética, to falando por saúde. Só quero seu bem.”

É mesmo?

12. “Você não pensa em fazer bariátrica?”

Prefiro fazer as unhas.

13. “Nossa, mas como você é sério.”

Desculpa, não sabia que fazer comédia era obrigatório pra quem tem sobrepeso.

14. “Mas você era tão linda, magrinha, não pensa em fazer uma dieta?”,
Sou linda assim, e pensar em fazer uma dieta ou não, não é problema seu.

15. “Imagina, vc não é gorda. Você é forte.”

Não querido, eu sou gorda E forte, porque só assim pra aguentar todos esses

comentários o tempo todo.

A lista acima acompanha imagens relacionadas às frases mencionadas, uma para cada item, ilustrando as situações demonstradas. Ela é curta e de fácil entendimento, além de possuir elemento cômico e usar o recurso da ironia.

Exemplo 3:

16 EXPRESSÕES GORDOFÓBICAS PARA
DESCONSTRUIR AGORA, IMEDIATAMENTE, JÁ!
26 de fevereiro de 2015

1. “Acima do PESO IDEAL”

Essa expressão, “peso ideal” dá a ideia de que existe um peso certo e padrão para todas as pessoas; quem está fora do peso ideal (ou “certo”) está errada.

2. “Acima de tudo ajuda a EMAGRECER”

É comum enfatizar que isso ou aquilo é benéfico (ex: bicicleta) porque é econômico, passa o tempo, distrai, é sustentável e EMAGRECE. O foco não deve ser o emagrecimento. Andar de bicicleta, praticar natação ou qualquer outro esporte vai ter por consequência o emagrecimento, mas, esse não é o objetivo. O foco deve ser melhorar a qualidade de vida e buscar um corpo mais saudável, o que não significa que precise ser magro (já que existem magros anoréxicos, anêmicos e gordos perfeitamente saudáveis)

3. “Bonita de rosto”

Essa frase me dá arrepios. “Você é bonita... de rosto” “seu rosto é lindo”. Muito porque vem seguida de “seria linda se emagrecesse”. Amores, eu sou bonita de rosto e de corpo. Eu todinha sou linda. FIKDIK.

4. “Gordice”

Termo comum em legendas de fotos por aí. “Gordice” (ou coisa de gordo) é sempre associado à comida, como se gordos só fizessem/só servissem para isso. O pior de tudo é ver pessoas magras compartilhando isso. Pessoas que não sofrem a opressão sistemática e o preconceito diário de ser gordo dizendo que está “fazendo godices”.

5. “Ser gorda tudo bem, mas, gorda chata, não. Tem que ser cheirosa e legal”.

A famosa compensação. Eu já ouvi muitooooo isso. Que por ser gorda deveria ser inteligente, legal, engraçada (zoar a mim mesma) e não podia ser chata. Deveria compensar a falta de beleza (oi?) com outros atributos. Eu sou

chata. Sou muito chata. Sou insuportável. Não sei como meus amigos me amam. E sou gorda também. Essa compensação ridícula de que já que está fora de alguns padrões deve, obrigatoriamente, para “não piorar a situação” se adequar a outros é sufocante demais.

6. “Ele viu a beleza interior dela”

“Ela é inteligente e legal. Por isso ele está com ela.”. Não existe isso de “beleza interior”. Existem pessoas bonitas de alma, sim, claro, mas, elas são gordas e magras. Esse papo de que um cara está namorando uma gorda porque viu a “beleza interior” dela é rodeado de preconceitos. Quer dizer que gorda não pode ser bonita?

7. “Fofinha, cheinha, excesso de fofura, gordinha e afins”

Esses “inhas” são insuportáveis. Porque raios não podem usar a palavra gorda? Não é tão difícil assim, ne? Gordinha, cheinha etc. parecem estar fazendo uma hierarquia (“ela não é gorda, é gordinha”) e diminuiu a pessoa em todos os sentidos, inclusive, psicologicamente.

8. “Ai amiga tô enormeeeeeeee de gordaaaaaaaaa!!!!”

Uma mina magra, sem nenhuma [CELULITE](#), perfeitamente dentro do padrão, falando essa asneira. Como se ser gorda fosse ruim. Falam na cara mesmo, sem se preocupar se aquilo poderá ofender a amiga gorda ouvindo. E se reclamamos, somos chatas. Pelamor.

9. “Gosto de ter onde pegar”

Omi fazendo omice.

10. “Por isso que tá gorda”

Comum algum babaquinha soltar essa ao ver uma gorda comendo. É uma fiscalização sob nossos corpos sem fim! Simplesmente chegam dizendo “come isso não porque engorda, come aquilo” como se fossem Os especialistas. Se eu quisesse [EMAGRECER](#) procuraria um nutricionista, não uma pessoa sem qualificação nenhuma na rua pra ditar regra na minha comida. É como se as pessoas (gordas) não tivessem direito à se alimentar. Engraçado que NINGUÉM reclama da magra comendo. Essa frase ignora totalmente outros fatores que levam as pessoas a engordar e ainda coloca a palavra gorda como ofensa.

11. “Basta ter foco”

Famosa frase de academia. “Com força de vontade e determinação, você consegue”. Isso reduz a pessoa gorda num nível bem triste. É como se fossemos desleixados, incapazes ou inúteis e que não nos esforçamos o suficiente para estar num padrão por isso merecemos o *bullying*.

12. “Não temos o seu tamanho”

A gente mal entra na loja, a moça sequer sabe se é pra mim o que eu quero comprar e já solta essa. Vá à merda.

13. “Gorda com *piercing* no umbigo e barriga de fora é demais, ne?”

Vai ter gorda com *piercing* no umbigo sim, porque elas PODEM. Você não pode controlar isso. Autonomia sob nossos corpos, vai ter sim.

14. “Preto emagrece, lista engorda, short não te cai bem, tira o biquíni põe o maiô”

Por mais que você manje de moda e esteja querendo “ajudar”, isso é inconveniente, chato e gordofóbico. Eu uso o que eu quiser, ora. Não venha tentando me limitar!

15. “Prefiro ficar com a gorda que com você.”

A gorda. A gorda. A gorda. O lixo sob os pés da humanidade. Ele prefere ficar com ela que com você. Era pra fazer a mina magra se sentir mal, mas, faz a mina gorda sentir-se pior ainda.

16. “Me trocou por aquela gorda?”

É auto explicativo.

Uma menina magra revoltada porque foi trocada por uma gorda, inconformada de verdade. Isso é tão surreal assim? Tão improvável? É o que parece já que o caso do garoto que traiu a namorada com a prima dela (gorda) gerou uma repercussão exagerada e ridícula. Ridícula, porque, se ela fosse magra, isso nem notícia seria.

Fonte: Site Geledés (2015). Depois foram acrescentadas mais duas expressões. Disponível em <https://www.geledes.org.br/18-expressoes-gordofobicas-para-desconstruir-agora-imediatamente-ja/> Acesso em 3 out 2015 (Compartilhada via *Facebook* por algumas das páginas anti-gordofobia aqui estudadas)

Esta lista acompanha 3 imagens que não foram incluídas no TCL. Ela encontra-se entre o exemplo 1 e o exemplo 2 no sentido de que possui mais explicações do que na lista 2 e detém-se mais na explicação didática após as frases de efeito.

Exemplo 4:

Lista publicada na página Voz das Gordas no Facebook:

Imagem 6



Legenda: Lista com 15 dicas para emagrecer sem ser gordofóbico

Fonte: Página Voz das Gordas

Este exemplo é o de lista mais simples, transformada em imagem e sem grandes explicações sobre cada ponto. Ela tem caráter mais visual e tom de instrução mais do que de explicação.

Frequentemente vemos as listas acompanhadas de imagens e “textão”, combinando-se assim recursos didáticos diferentes.

Imagens como recurso didático

As imagens proporcionam a forma mais imediata e ilustrativa de contato entre as temáticas e as/os seguidoras/es das páginas, diferentes tipos de imagens vão gerar diferentes tipos de reações para suas/seus receptoras/es. A interpretação das imagens portanto, também vai necessitar de interpretação de texto que é particular a cada indivíduo.

Ao contrário da maioria dos veículos tradicionais, nas páginas anti-gordofóbicas, as pessoas gordas não são colocadas em situações estigmatizadoras (por exemplo, comendo *fast food*, caindo, sendo consideradas piada) ou vitimizadas (muitas vezes havendo corte da cabeça e foco no corpo identificando-se a característica “gorda” sobre a característica “ser humano”, parte da estigmatização). As imagens veiculadas pelas páginas das autoras gordas e anti-gordofóbicas buscam colocar a imagem da pessoa gorda como no controle de seu corpo, capaz de praticar atividades físicas entendendo que a representatividade do corpo gordo em situações positivas é importante para o empoderamento gordo, autoestima e construção do si mesma/o (*self*).

A proposta é a desconstrução dos valores disseminados como sendo pertencentes às pessoas gordas de maneira negativa.

A matéria “Vai sim gordinha” no site Lugar de Mulher (POLLY, 2014) mostra imagens com mulheres gordas realizando atividades físicas como pole dance, balé, corrida, líder de torcida, yoga, levantamento de peso, entre outras.

Imagem 7



Legenda: Mulher dançando balé clássico

Fonte: Site Lugar de Mulher (POLLY, 2014) Disponível em <http://lugardemulher.com.br/vai-sim-gordinha/> Acesso em 8 ago 2014

Em uma reportagem da Revista Marie Claire (MARIE CLAIRE, 2015) compartilhada pelas páginas virtuais em análise neste TCL, encontra-se um vídeo em que aparecem mulheres com vários formatos de corpo se exercitando. O vídeo faz parte da campanha “*This girl can*”²⁹ Sport England, órgão ligado ao Ministério de Cultura, Mídia e Esporte da Inglaterra, buscando incentivar a prática de atividade física por todas as mulheres apesar da pressão por aparecerem bonitas e não-suadas dentro dos padrões de beleza impostos pela sociedade e pela mídia de maneira dominante. O mesmo vídeo foi compartilhado pela página asgordas.wordpress.com (ALENCAR, 2015) em que é realizada uma reflexão sobre o vídeo e a vivência da mulher gorda no dia-a-dia, com exemplos de comentários maldosos quando estão se exercitando em público. Este link também foi compartilhado pelas páginas de conteúdo anti-gordofóbico foco deste TCL.

²⁹ Tradução: Esta garota pode.

Imagem 8



Legenda: trecho do vídeo parte da campanha “*This girl can*”

Fonte: Revista Marie Claire (MARIE CLAIRE, 2015) Disponível em <http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2015/01/contra-os-padroes-fitness-video-mostra-mulheres-reais-praticando-esporte.html> Acesso em 15 jan 2015

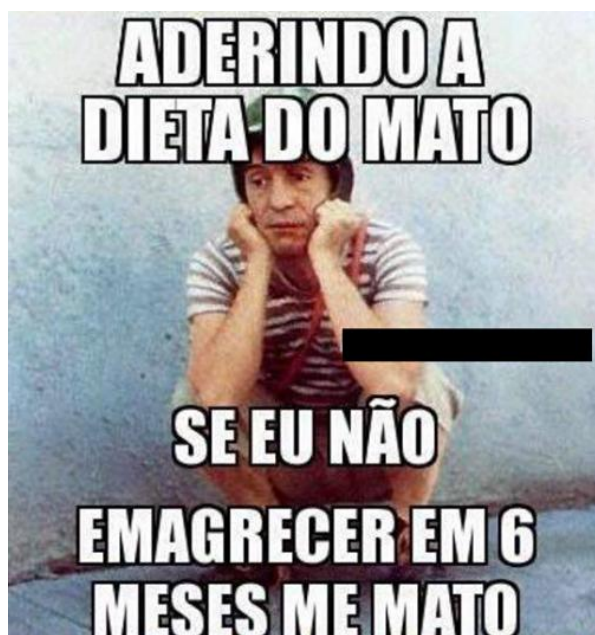
Os vídeos são importantes recursos educacionais, sendo a rede social de vídeos *Youtube* de extrema importância na disponibilização de espaço de estoque desses vídeos e de pesquisa a partir de seu mecanismo de busca. Cada vez mais são produzidos canais voltados às mulheres gordas mas que não entraram na análise deste TCL.³⁰

A página “Não sou exposição” geralmente utiliza postagens de imagens realizadas em outras páginas para questioná-las e problematizá-las. Frequentemente utiliza-se do recurso da ironia para enfatizar a incoerência dos discursos emagrecedores. A linguagem usada é informal e jovem, com referências pop atuais e gírias da internet. Frequentemente as imagens são usadas para opor-se a imagens compartilhadas em outras páginas virtuais compartilhadas com a ideia de dieta e mundo *fitness*³¹.

³⁰ A autora da página “Gordativismo” analisado no TCL, por exemplo, também possui um canal no Youtube chamado “Ser gordo é normal”.

³¹ *Fitness*: compreendido como estar em “boa forma física”.

Imagem 9



Porque
suicídio é
muito
engraçado.

NSE
NÃO SOU EXPOSIÇÃO
IMAGEM NÃO DETERMINA VALOR

Fonte: Página Não sou Exposição/Facebook Disponível em:
<https://www.facebook.com/Naosouexposicao/> Acesso em 3 mai 2016

Imagem 10



Porque se você se pesar, e descobrir que o seu peso aumentou, você não estará mais feliz.

Porque magreza = felicidade

Nem todo o peso do nosso corpo é composto de gordura, e **MESMO QUE** seja o caso...

É uma maneira estranhamente sádica de falar sobre corpo e alimentação.

(pra não dizer terrorista)

NSE

Fonte: Página Não sou Exposição/Facebook Disponível em:
<https://www.facebook.com/Naosouexposicao/> Acesso em 3 mai 2016

Um dos problemas encontrados pela autora da página ao optar por esse tipo de recurso é a interpretação equivocada do que ela quis transmitir. A ironia acaba servindo a quem já está inteirado/a da discussão. Mais de uma vez a autora da página “Não Sou Exposição” teve que explicar seu posicionamento de maneira mais clara após publicar imagens que podem ter interpretação dúbia a quem não percebe a ironia.

A página “Não sou Exposição” com alguma frequência recebe *feedback*³² das/os leitores nos comentários que é contrário ao que se buscava com o uso das imagens e postagens. Isso se dá geralmente em postagens em que há o uso de ironia, ocorrendo um equívoco interpretativo, gerando o oposto do esperado. Um exemplo disso são casos em que as pessoas comentam como a dieta melhorou a vida delas.

Refletindo sobre a ironia como recurso educativo ela pode demonstrar-se contraproducente para o diálogo com um público que desconhece a discussão que busca ser ali desenvolvida, servindo mais para a identificação e reafirmação do grupo que já possui um conhecimento sobre a temática. A escolha de voltar-se para o sentido da identificação e reafirmação do grupo para lutar pelas pautas gordas ou de informar as pessoas que não conhecem a temática é das autoras.

A internet proporciona a retratação imediata, mas não garante que todas/os a vejam. O mecanismo de visualização de postagens por parte do *Facebook* não garante que a/o usuária/o sempre receba/visualize postagens de uma página.

A página Beleza Sem Tamanho foca na questão estética e moda, realizando posts com imagens de corpositividade³³ e discursos motivacionais, buscando valorizar a beleza da mulher gorda, trabalhando com a melhora da auto-estima e empoderamento.

As temáticas que possuem mais ressonância (compartilhamentos e curtidas) são as relacionadas à moda, beleza e autoestima seguidas pelas postagens comentando declarações polêmicas sobre pessoas gordas por parte de pessoas famosas ou em canais de grande visibilidade (como rede aberta de televisão brasileira).

A página vem se politizando cada vez mais e tratando de temas ligados aos direitos políticos das pessoas gordas, contando com entrevistas de ativistas gordas/os/es.

³² Comentários de leitoras/es que avaliam a página e as postagens.

³³ A visão positiva sobre as formas do corpo, buscando enaltecer a beleza de corpos diferentes do padrão de beleza imposto, em especial, às mulheres.

Imagem 11



Fonte: Página artesdadepressao/Facebook apud Página Beleza sem tamanho/Facebook

Imagem 12



Fonte: Página Beleza Sem Tamanho/Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/BelezasemTamanhoBlog/> Acesso em 3 mai 2016

Imagem 13



Legenda: Imagem enviada por leitora para fazer parte do projeto #verãosemneuras da Página Beleza Sem Tamanho, projeto que estimulava que as pessoas gordas fossem às praias, cachoeiras e piscinas de biquíni, sunga ou maiô sem se preocuparem com o julgamento negativo que poderiam vir a receber das pessoas como manifestação gordofóbica. Assim, poderiam aproveitar melhor o momento de lazer.

Fonte: Página Beleza Sem Tamanho/Facebook. Disponível em

<https://www.facebook.com/BelezasemTamanhoBlog/> Acesso em 3 mai 2016

A página é menos polêmica e é mais bem aceita do que as páginas que trazem o discurso sobre a nutrição. Muitas publicações enaltecem o espaço que o mercado de moda *plus size* vem conquistando.

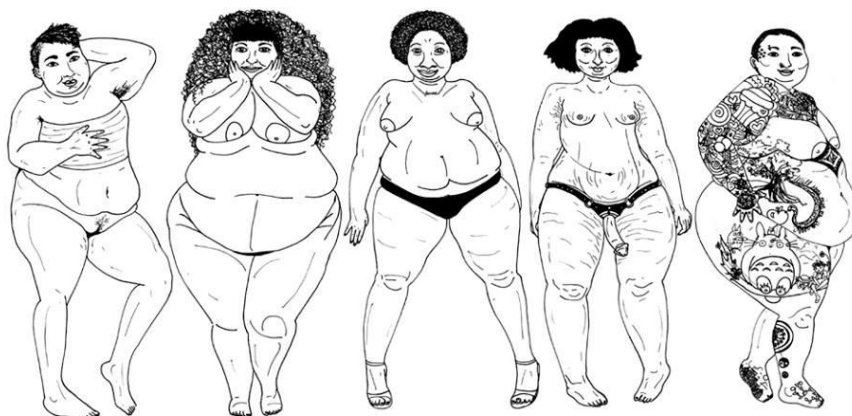
A página “Precisamos falar de gordofobia” utiliza principalmente imagens de mulheres gordas buscando trabalhar a questão da representatividade. Seguem a seguir algumas das imagens compartilhadas na página do *Facebook*:

Imagem 14



Fonte: Página Precisamos falar de gordofobia/Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/precisamosfalardegordofobia/> Acesso em 4 mai 2016

Imagem 15



SAUCY NÜDLES
saucy.nudles@gmail.com

Fonte: NÜDLES, Saucy apud Página Precisamos falar de gordofobia/Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/precisamosfalardegordofobia/> Acesso em 4 mai 2016

Imagem 16



Fonte: Página Precisamos falar de gordofobia/Facebook. Disponível em:
<https://www.facebook.com/precisamosfalardegordofobia/> Acesso em 4 mai 2016

Os recursos didáticos são grande parte da estratégia de atrair pessoas para a discussão sobre os direitos das mulheres gordas e para a luta anti-gordofóbica. Os textões, listas, imagens e links de artigos em blogs compartilhados no *Facebook* podem ser esclarecidos nos próprios comentários e seu alcance pode ser medido por compartilhamentos e curtidas. Cada recurso tem um objetivo, seja de passar uma ideia simples ou de desenvolvê-la.

Com essa estratégia é possível notar a crescente aproximação de novas pessoas interessadas em discutir e participar ou como militantes ou como apoiadoras dessas ideias. O aumento de páginas anti-gordofóbicas mostra que existem pessoas querendo cada vez mais expor seus pontos de vista e compartilhar essas ideias. A ideia de rede se consolida a partir dos compartilhamentos entre essas páginas. Há organização e reorganização constante da informação relacionada a um tema específico.

Ao ser questionada na entrevista se conhecia as autoras das outras páginas anti-gordofobia estudadas neste trabalho, a autora da página “Gordativismo” respondeu: *“Conheço, o mundo gordo é muito pequeno e a maioria das pessoas se conhece.”*

Esse “se conhece” se traduz por esse reconhecimento *on-line* que ocorre entre as produtoras de conteúdo voltado a mulheres gordas.

7. Sobre educação, conhecimento, informação nas páginas sobre a temática de direitos das mulheres gordas internet

Como se estabelecem as redes? Para Castells (1999) “(...) a estrutura social de uma sociedade em rede resulta da interação entre o paradigma da nova tecnologia e a organização social num plano geral.” (p. 17).

Nas entrevistas com as autoras procurei indagar sobre a troca de conhecimentos para saber como ocorre entre as mulheres, tanto leitora quanto entre as próprias autoras das páginas. Uma das autoras, que se mantinha anônima na direção da página “Não sou exposição”, respondeu à uma questão, da entrevista enviada pela internet, que pressunha que ela era gorda da seguinte forma:

Participa de algum grupo de apoio? Já frequentou análise (psicóloga/o)? Conte um pouco sobre as formas que encontrou para lidar com o preconceito que sofre sendo gorda.”

Não sou exposição: Eu troco informações com mulheres gordas na internet e aprendo diariamente sobre esse tipo de opressão. Mas eu não sou gorda! Eu sou bem magra. Não quero me apropriar de uma experiência que não vivo (ser gorda) mas sinto que meu papel como nutricionista e profissional da saúde é desmistificar estereótipos.³⁴

Os posts anti-gordofobia apresentam características apontadas por Castells em “Redes de indignação e esperança” (2013), sendo a descentralização uma de suas principais características. Ainda que existam produtoras/es de conteúdo com maior visibilidade, não se sabe quem foi a primeira pessoa a discutir um tema ou cunhar um termo uma vez que não se tratam de artigos acadêmicos. Os textos são amplamente disseminados, passando por processos de aperfeiçoamento coletivo desregrado, de forma casual, como ocorre a maior parte do processo de aprendizagem segundo Illich (p. 27).

³⁴ Não entraremos nesta pesquisa na discussão sobre lugar de fala presente nos movimentos sociais identitários. O foco da pesquisa é estudar as páginas que tratam da temática sobre gordofobia e como a trabalham.

O conteúdo das páginas muitas vezes acaba funcionando como uma espécie de grupo de apoio, em que são relatadas em sua maioria histórias pessoais, o que fortalece o entendimento das mulheres gordas enquanto um grupo que sofre dos mesmos preconceitos.

Aos comentários das/os leitoras/es a forma de tratar é unanimidade: as autoras julgam as intenções de quem comenta e verificam se vale a pena ou não explicar sobre a temática discutida no texto. O foco da disseminação de conhecimento torna-se então mais clara: o fortalecimento do grupo de mulheres gordas, os comentários dos “haters”³⁵ são ignorados. De acordo com as entrevistas, a crítica negativa mais recebida é a de que o conteúdo das postagens funciona como “apologia à obesidade”. A didática encontra limite quando não se vê a possibilidade de estabelecer um diálogo:

Não Sou Exposição: Cada crítica leva a resposta que merece. Respondo quando acho que é justo. Quando recebo o chorume gordofóbico de sempre (saúde blablabla) eu nem me dou ao trabalho. Quando vejo que a pessoa está mal informada, explico que gordura nem sempre é sinal de doença e magreza nem sempre é sinal de saúde. Que pessoas magras não são superiores às pessoas gordas. Nunca respondo ofensas pessoais sem improdutivas e sem sentido.

Gordativismo: A página em si nunca recebeu nenhum feedback negativo, simplesmente porque não foca no gordofóbico e sim no gordo.

Precisamos falar de gordofobia: Normalmente eu não respondo. Eu só deleteo e bloqueio o usuário. Não vale a pena nem pra mim responder coisas ofensivas gordofóbicas e muito menos pras pessoas gordas que vão na página pra se empoderar. Eu não sei como os demais moderadores agem. Às vezes eles respondem ou banem eles mesmos, às vezes postam no nosso grupo de moderação perguntando o que é melhor fazer e tal.

³⁵Hater é a denominação popular na internet sobre pessoas que realizam comentários com discurso de ódio, sem a intenção de debater ou construir, apenas de ofender. A tradução literal do termo significa “odador/a”.

Mas o conteúdo que vai na página é mais nosso foco do que as críticas negativas. Ah, e quando são as críticas positivas, eu reflito sobre e compartilho com os moderadores pra achar uma solução, ou compartilho no grupo da página pra ver a opinião das pessoas gordas e tal.

Beleza Sem Tamanho: Eu raramente respondo, só entro se a coisa for pesada. Em dezembro uma menina falou que eu ia para o inferno por estar matando gordos com aceitação, nesse caso foi pesado e eu fiz textão. Mas em geral eu ignoro e eles se vão.

Coletivo Anti-Gordofobia: Tentamos ser didáticos lá. Explicar bem a situação, tentar fazer a pessoa desconstruir o preconceito ao invés de simplesmente bloquear. Mas se a pessoa já for com a intenção de ofender aí não temos muita paciência para didática não, simplesmente bloqueamos.

A falta de compreensão sobre a luta anti-gordofóbica e a “apologia à obesidade” leva à criação de textos explicativos para essas pessoas que sentem sua liberdade de emagrecer atingida por estes textos como o texto “Lutar contra a gordofobia não é ser contra o emagrecimento”³⁶A escolha pela explicação didática nesses casos, como nota-se, vai do interesse e disposição de cada autora.

É necessário apontar a importância da internet para a socialização das informações e da luta contra a gordofobia. Há o exemplo de uma das autoras, dona da página “Beleza sem tamanho”, que vive numa cidade pequena e relata sua experiência:

- Como funciona a troca de informações com outras mulheres gordas? Na internet? Pessoalmente? Por meio de reuniões?

Somente virtual, nunca tive um encontro presencial que fosse possível debater o tema. Eu moro bem afastada de todo mundo em uma cidade de 25mil hab, onde não tem muita militância em

³⁶Disponível em: <https://gordasempoderadas.wordpress.com/2015/09/30/lutar-contr-a-gordofobia-nao-e-ser-contr-a-emagrecimento/> Acesso em 6 jun. 2016.

nenhuma área.

É bom salientar que Illich (1985) coloca a importância da criação de teias educacionais para além das redes locais por possibilitar o encontro de pessoas com interesses semelhantes. Para ele as escolas limitariam o potencial de encontro entre pessoas de diferentes locais por obrigar as pessoas a encontrarem sempre o mesmo grupo em sala de aula.

O “Coletivo gordas livres” também enaltece a importância da internet na constituição da troca de informações sobre assuntos relacionados às pautas das mulheres gordas:

Coletivo Gordas Livres: 11- Nossa, todas as possíveis, sem a internet nós não estaríamos nesse nível de evolução do ativismo gordo não, e olha que ainda estamos muito verdes, mas se não houvesse a internet o ativismo gordo não existiria, digo isso porque antes da internet, não nos encontrávamos, não tínhamos coragem de falar com outros gordos, nem queríamos nos ver um perto do outro, por vergonha de sermos dois gordos num mesmo espaço, rs, ousou dizer que a internet salvou o gordo das trevas, só assim conseguimos formar grupos e falar sobre como era nossas vidas, porque por trás da tela ninguém iria te julgar, ninguém iria ver grupos de gordos reunidos, era menos assustador poder falar. foi através desse início sombrio que tivemos forças para tirar fotos, ir as ruas, nos unir de fato.

[Coletivo Anti - Gordofobia](#) 11 de setembro às 20:31

Infelizmente muitas vezes pessoas gordas acabam reproduzindo gordofobia. É, como diz no texto, uma alienação do gordo a respeito de si próprio. Por vezes pensamos, falamos, postamos e fazemos coisas a respeito de gordes³⁷ que são gordofóbicas, como compartilhar imagens de caráter gordofóbicas,

³⁷ Gorde com E ao final da palavra é escrito propositalmente como uma tentativa de inclusão mais ampla de gênero de forma a realizar o esforço de romper com os binarismos, demonstrando o conhecimento da discussão dos movimentos LGBTQIA – lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais e assexuais.

piadas gordofóbicas, usar expressões gordofóbicas, vídeos gordofóbicos e por aí vai. Precisamos ser mais críticos e pensar melhor sobre o que pensamos, falamos e postamos, para que, mesmo sem querer, não darmos força para o discurso gordofóbico e não motivarmos outros gordes a reproduzirem gordofobia. Quando discordamos de coisas gordofóbicas como essa, mostramos a outros gordes que aquilo é problemático e não deve ocorrer, para o nosso próprio bem.

O *Facebook* em especial possui um mecanismo de visualização de conteúdo para seus usuários de forma que o/a usuário/a veja cada vez mais conteúdo similar ao que ele/a curtiu anteriormente. Isso acaba gerando maior contato com assuntos com os quais as pessoas já estão familiarizadas criando as chamadas “bolhas” da internet. As bolhas da internet podem causar uma falsa impressão de realidade, podendo fazer crer a uma pessoa muito ligada à assuntos anti-gordofobia, por exemplo, que cada vez mais pessoas são anti-gordofóbicas. Assim, quando alguma postagem gordofóbica ocorre, causa maior estranheza do que causaria há um tempo atrás, quando havia maior relação com uma multiplicidade de opiniões, ou seja, maior contato com leigos sobre o assunto, pessoas que ainda estão conhecendo as pautas gordas ou mesmo com pessoas assumidamente gordofóbicas.

Outro tipo de uso da plataforma do *Facebook* é a criação de páginas que são contrárias ao ativismo gordo e empoderamento gordo. Essas páginas buscam ridicularizar e expor as pessoas gordas por meio de exposição de fotos pessoais (de pessoas gordas sem sua autorização) e comentários depreciativos. Quando isso acontece, geralmente há a possibilidade de realizar uma denúncia em uma ferramenta do *Facebook*. Quando as denúncias são recorrentes, o *Facebook* pode retirar a postagem ou a página no ar. No entanto, quem escolhe o que poderá ser mantido ou não é a empresa do *Facebook* de acordo com suas diretrizes e do que consideram assédio, fraude, ou propriedade intelectual. Muitas vezes as postagens ficam no ar, gerando desinformação sobre as pessoas gordas e constrangimento, violência simbólica e manifestação de poder por parte de pessoas opressoras ou coniventes com a gordofobia.

Há, portanto, limites no que concerne à administração de conteúdo sobre os corpos gordos no *Facebook*, um espaço em que ocorrem disputas ideológicas e de discurso.

A falta de controle por parte das escolas, dos/as educadores/as e dos governos que a internet propiciaria de acordo com Castells (2015), na verdade, está concentrado na empresa do Facebook. Esse controle se dá não só pelo conteúdo disponibilizado a cada usuário (ligado ou não ao consumo por meio de propagandas virtuais) como também pelo acesso às informações digitadas por esses/as usuários/as.

Algumas pessoas buscam distanciar-se das postagens com ofensas às pessoas gordas para preservar a saúde mental, se forma que as consideram tóxicas para sua autoestima e desnecessárias para a construção de seu conhecimento, já que já sabem qual tipo de conteúdo essas mensagens encerram.

8. Da informação ao ativismo

Os blogs, páginas virtuais e grupos não funcionam apenas como meio de catarse coletiva ou socialização da informação, também servem para impulsionar o ciberativismo, tipo de ativismo virtual que se populariza cada vez mais desde o surgimento das redes sociais.

Uma das formas de incentivar a participação das pessoas em temas relacionados à luta anti-gordofóbica é o uso de hashtags³⁸.

Juliana de Faria, fundadora do coletivo feminista *Think Olga*, lançou no Twitter³⁹ e incentivou o uso da hashtag #meuprimeiroassédio⁴⁰ (BELLO, 2014). Essa hashtag foi usada pelas usuárias da rede social para denunciarem suas primeiras situações de assédio, a maioria denunciando que na infância sofreram assédio de pessoas próximas ou de desconhecidos na rua. O uso da *hashtag* expandiu-se também para o *Facebook*.

Acredita-se que a popularização das temáticas anti-violência contra as mulheres na internet, principalmente por meio de hashtags tenha impulsionado o aumento de denúncias no 180-disque-denúncia gratuito e nacional voltado às mulheres. Segundo relatos da Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República o aumento entre janeiro a outubro de 2014 para janeiro a outubro de 2015 foi de 40% (de 44.997 denúncias para 63.090) (MARANHÃO, 2015)

Inspiradas pela visibilidade que a *hashtag* #meuprimeiroassédio trouxe à questão

³⁸Representadas pelo símbolo “#” as *hashtags* funcionam como mecanismo de busca de determinados termos nas redes sociais *on-line* no Twitter, no Facebook e no Instagram.

³⁹ Rede social em que são realizadas postagens por suas/seus usuárias/os com limite de 140 caracteres.

⁴⁰ Antes ela havia lançado a hashtag #chegadefiuuiu para denunciar assédio em locais públicos.

da violência contra a mulher, foi lançada a *hashtag* #égordofobia em que pessoas gordas relataram preconceitos vivenciados no cotidiano que consideram como gordofobia. As *hashtags* proporcionam o encontro desse assunto por meio da busca na rede social virtual. Assim, pode-se visualizar os compartilhamentos de conteúdo relacionado por outras usuárias da rede.

Outra *hashtag* utilizada pelas páginas anti-gordofobia foi a *hashtag* #projetoverãosemneuras. A *hashtag* devia ser enviada às páginas junto às fotos de mulheres gordas na praia, incentivando e socializando seus momentos de lazer sem se preocupar com o constante julgamento de seus corpos que sofrem ao os exporem em locais públicos.

Outras ações iniciadas por meio da internet foram as ocupações de algumas praias por mulheres gordas. Considerado um ato simbólico por terem seus corpos vistos como inadequados para trajar roupas de banho, por meio de eventos criados no Facebook mulheres gordas convidaram outras mulheres gordas a juntarem-se a elas e ir à praia. O sucesso deste tipo de iniciativa que começou no litoral paulista em 2012, idealizado por Helena Custódio, fez com que o evento ocorresse em mais de uma cidade, tendo ocorrido em Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Florianópolis (DUARTE, 2016). Os eventos já contam com mais de uma edição.

Além das ações diretas, a própria elaboração de conteúdo informativo pode ser considerado um tipo de ativismo.

O ativismo por meio da internet, que já foi criticado por seu suposto imobilismo (podendo-se fazer um paralelo com os “pesquisadores de sofá”, intelectuais que não têm contato com a realidade mas produzem conhecimento acadêmico sobre a mesma) tem trazido resultados reais a partir de suas iniciativas. Ainda não se pode dizer ao certo em qual amplitude, mas reconhecer sua relevância.

Que educação é essa?

As redes de informações disponíveis na internet sobre a temática gordofóbica vão se interligando e constituindo um tipo de conhecimento compartilhado em que há criação e apropriação de conceitos e entendimento e comunicação a partir destes.

Estas redes ocorrem no espaço da cibercultura, entendido como:

Assim, a invenção da cibercultura, aqui tomada como repertório linguístico, espaço, imaginário e conceito pragmaticamente consagrado, e não como entidade sobreposta ao real, ocorre em estado de intensa criação metafórica

substituída, após, pelo apagamento convencional dos rastros de invenção, graças ao êxito do discurso hegemônico tecno-utópico.(LEWGOY, 2009, p. 193)

Como não se trata de um tipo de educação formal, busquei na teoria de desescolarização da sociedade de Ivan Illich (1985) a reflexão sobre um espaço em que a troca de saberes é dada em um nível em que o poder sobre o conhecimento é deslocado e democratizado.

Para o autor, um bom sistema educacional, ou teia educativa deve responder a três propósitos: acesso aos recursos educativos disponíveis em qualquer fase de sua vida; proporcionar o contato entre pessoas com os mesmos interesses para fins de aprendizagem, dar a oportunidade de publicar assuntos de forma que se torne conhecido pelo público o que se está buscando estudar bem como seu ponto de vista a partir de suas pesquisas/estudos (ILLICH, 1985).

Na época de lançamento de “Sociedade sem escolas”, por mais otimista que pudesse ser em relação ao fim da escola institucionalizada, Illich não poderia saber como a internet se transformaria num espaço em que é possível disponibilizar conteúdo, encontrar pessoas com os mesmos interesses e encontrar conteúdo a partir de pesquisas virtuais. O autor tinha proposto, a partir de uma tecnologia muito mais simples, a troca de saberes de forma que já ocorre hoje em dia na internet.

Notam-se dois espaços sendo formados dentro das redes de informação sobre gordofobia: um que reforça a criação de sentimento coletivo sobre o assunto da gordofobia, unindo mulheres que pensam de maneira semelhante e produzindo um espaço de catarse coletiva; e outro espaço mais didático, em que busca debater-se com pessoas que não possuem familiaridade com as ideias de corpositividade, gordofobia e anti-gordofobia.

Alguns blogs e páginas tem aspectos educacionais mais presentes que em outros que servem mais como propaganda de uma ideia específica em que não se desenvolve mais profundamente a temática, designando-se mais como redes do que como teias educativas.

Os grupos em rede social, especialmente no *Facebook*, propiciam um espaço em que é possível debater notícias do cotidiano. É por meio dessa discussão que as pessoas se posicionam e utilizam, como difundido na internet, a problematização como fermenta crítica. Essas problematizações são contestadas ou endossadas (geralmente por curtidas nos comentários).

Existem assuntos que “viralizam”. “Viralizar” é o termo utilizado quando uma notícia, vídeo ou postagem é muito difundido e compartilhado, ganhando grande visibilidade.

Os comentários, compartilhamentos, as curtidas e as visualizações, em especial no *Facebook*, são a principal forma de perceber o alcance do desenvolvimento de determinada temática proposta por alguma usuária da rede social. Por meio desses mecanismos é possível argumentar e endossar ideias, fazendo com que se estabeleçam alguns sentidos comuns entre as ativistas anti-gordofobia. Os *sites* e *blogs* são extremamente necessários, apesar de estarem fora do Facebook, os *links* (endereços virtuais) com os textos compartilhados no *Facebook* são de *sites* e *blogs*.

Algumas vezes a comunicação virtual apresenta ruídos. Desentendimentos, rixas, rachas, especialmente por posicionamentos contrários em páginas públicas que pode resultar numa “briga de egos” ou como se fala na internet “disputa por likes” (ou disputa por curtidas). Algumas pessoas possuem mais ressonância que as outras tornando-se conhecidas no meio gordo. Há pessoas que apenas acompanham as discussões sem se manifestarem, sendo participantes passivas num processo informativo e não, necessariamente, educativo, engendrando novo conhecimento.

Os laços *on-line* podem ou não se tornarem laços *off-line*. Esses laços surgidos na internet seguem o mesmo tipo de relação do mundo *off-line*, podendo ser mais fortes, mais frágeis, fazerem-se ou desfazerem-se.

A internet é por vezes desacreditada como o meio com maior potência produtiva e são realizadas reflexões e apelos à vontade de sair da internet e ir para “o mundo real” como neste trecho abaixo:

E como se não bastassem os pontos já citados, as mulheres gordas que se empoderaram e unem forças para falar sobre gordofobia ainda encaram a violência de quem se incomoda com o levantar dessas vozes. Na internet, em especial, textos de ativistas gordas são frequentemente atacados; e essas mulheres, constantemente expostas e ameaçadas. “O assunto pesa”, diz Balbino. “Talvez porque sejam recentes os debates, talvez porque ainda seja pouco comum ver o ‘orgulho gordo’. Temos sempre o ‘orgulho negro’, e as pessoas que se assumem como tal em suas posições de minoria e isso choca. Acho que gordos se assumindo ainda chocam. Gordos se amando ainda é muito contrassenso para que a sociedade aceite. E como a internet ainda é uma ‘terra sem lei’ e pode-se atacar e dizer tudo que pensa, verbalizar e agredir fica mais fácil”. Balbino já foi alvo de muitas críticas gratuitas por ser gorda e por postar fotos suas na internet, ou seja, por defender o seu estilo de

vida como gorda. “Mas, vamos mudando as táticas, saindo do digital e passando pro real, enfim, tentando fazer algo na prática”, acrescenta. (ARRAES, 2014)

O que se nota de maneira geral é a aliança entre estratégias de militância e discussão do tema *on-line* e *off-line*. Sendo porém, a atuação *on-line* mais presente como consta nas respostas das autoras de conteúdo entrevistadas:

- Como funciona a troca de informações com outras mulheres gordas? Na internet? Pessoalmente? Por meio de reuniões?

Gordativismo: Na maioria das vezes, por meio de grupos gordos no facebook. 90% via internet.

Precisamos falar de gordofobia: Então, majoritariamente, os espaços de militância gorda se dão na internet e em trocas de informação, texto nos grupos, contato entre nós que temos páginas e etc.

Não sou exposição: Eu troco informações com mulheres gordas na internet e aprendo diariamente sobre esse tipo de opressão.

Não se pode dizer que são formadas teias educacionais tal qual propõe Illich (1985) uma vez que a sociedade continua amplamente escolarizada. Mas de fato, o conhecimento produzido na internet por meio das trocas tende a fortalecer grupos e provocar desafios para as escolas na medida em que a qualidade do conteúdo disponibilizado aumenta (acadêmico ou não) e em que as pessoas podem criar suas próprias trajetórias de aprendizagem tendo por base seus interesses pessoais ao invés de responder a currículos pré-estabelecidos que cada vez mais são cumpridos para a aquisição da certificação final e não pela crença na qualidade do processo de aprendizagem escolarizado em si.

A busca de informação na internet fortalece a autonomia e a contestação dos currículos escolares ou institucionais. A criação de redes estabelece um coletivo que ainda que assuma as características da pós-modernidade e não na modernidade como na época em que estudou Illich favorece a criação de produção de conhecimento a partir do diálogo e da construção coletiva.

A dimensão que a introdução da internet no processo de aprendizagem dos indivíduos ainda não pode ser dimensionada, mas faz com que as escolas (de todos os níveis) tenham que repensar seu papel enquanto guardiãs do conhecimento e da informação.

9. Conclusão

A internet vem cada vez mais se constituindo como lócus de compartilhamento, troca de informações e com o crescente ferramental de criação de páginas: no *Facebook*, criação de sites, postagens de listas explicativas, propagação de imagens didáticas, vídeos instrutivos, grupos virtuais, entre outros⁴¹, firma-se enquanto meio educativo que proporciona a criação de redes, e no caso do estudo desse TCL, principalmente no que se refere à educação vinculada ao ciberativismo.

Os recursos didáticos são numerosos e apontam para a possibilidade criativa da internet, em que se falta o “olho no olho” se encontram imagens, vídeos, listas, textos, troca por meio dos comentários, além de facilitar a troca e formação de coletivos de mulheres que vivem distantes e partilham de uma mesma luta, nesse caso: a luta anti-gordofóbica.

Há espaço para diferentes estratégias, seja a de reafirmação identitária do grupo de mulheres gordas ou de informação para as pessoas não-gordas sobre a causa gorda.

As redes vão se formando conforme as pessoas vão se conectando por meio de curtidas e compartilhamentos. Nota-se que não se busca a desconstrução das pré-concepções de todas as pessoas que visitam as páginas, tratando-se com mais cuidado àquelas/es que tem uma pré-disposição a escutar e buscar entender os conteúdos.

A internet também proporciona a rapidez em comentar assuntos ocorridos recentemente, ou seja, existem múltiplos “direitos de resposta” ao colocar-se uma réplica a um conteúdo considerado gordofóbico na mesma semana, no mesmo dia e às vezes em questão de poucas horas.

As páginas atingem números cada vez maiores de leitoras/es. Apesar da dispersão da informação, nota-se continuidade nos temas por meio de compartilhamentos e curtidas, formando a rede das mulheres gordas. Nota-se dois tipos de interação diferentes: a catártica, com ênfase na reafirmação da identidade grupal e a

⁴¹ Neste trabalho não foi incluída a rede social *on-line Instagram* que vem tomando proporções cada vez maiores em relação ao alcance de seguidoras/es e visualizações, sendo a imagem o recurso didático mais importante desta rede.

didática, com ênfase na construção de conhecimento sobre os corpos gordos.

Os temas que perpassam a opressão gordofóbica se repetem e se replicam nas páginas de ativistas gordas. Cria-se uma rede de compartilhamento e de produção de conteúdo de forma de que, por exemplo, a distinção entre pressão estética e gordofobia tenha pelo menos 10 textos produzidos por ativistas gordas, refinando-se e aprofundando-se a análise por meio do compartilhamento entre as mulheres gordas e seguidoras das páginas.

Isso ocorre com diversos temas como na distinção entre *bullying* e opressão estética, na explicação de atitudes gordofóbicas, na discussão sobre acessibilidade de pessoas gordas a espaços e serviços públicos, entre outras temáticas centrais na discussão sobre gordofobia.

A identidade é pautada pelo que se é, tanto pelo que não se é. A luta contra a gordofobia une as mulheres gordas ao mesmo tempo em que cria entre elas a identificação por partilharem de problemas e dificuldades semelhantes. O compartilhamento de imagens de mulheres gordas em situações em que antes sentiriam vergonha (como, por exemplo, usando um biquíni na praia, num relacionamento amoroso afetivo, no transporte público, entre outras situações), recai na discussão sobre autoestima da mulher gorda sem associar magreza à saúde, fortalecendo a discussão ampliada sobre saúde.

Há a criação de encontros presenciais, proporcionados pelo contato de mulheres gordas a partir das redes sociais na internet. Existe a criação de rodas de conversa sobre o tema, estabelecendo redes mais volúveis e a criação de redes a partir do mercado *plus size* (principalmente em feiras de moda em que se encontram comerciantes e compradoras gordas, geralmente havendo nessas feiras debates sobre ativismo e gordofobia), sendo estas redes mais duradouras, contínuas e sólidas.

Existem dois tipos de ativismo encontrados: o ciberativismo (como a postagem de textos sobre a temática gorda, como a reivindicação *on-line* a alguma marca que cometeu gordofobia em qualquer divulgação publicitária, a postagem de fotos de mulheres gordas em posições de poder e de beleza, entre outros); e o ativismo presencial. O ciberativismo e as redes da internet se mostram mais duradouras e contínuas do que os encontros presenciais. As vantagens da internet para a organização das mulheres gordas bem como para a construção do conhecimento sobre os corpos gordos são: acesso à informação, possibilidade de trocar informações em tempo real, possibilidade de dialogar com pessoas de outros lugares do mundo e do Brasil,

possibilidade de criação de diferentes ambientes virtuais de acordo com o propósito (blog, site, grupo *on-line*, página virtual, canal de vídeo, etc.), possibilidade de passar informação por meio de diferentes recursos didáticos.

Encontros presenciais de mulheres gordas podem ou não culminar em ações políticas contestatórias presenciais ou escritas, existindo iniciativas como o “Vai ter gorda na praia”, que se trata do encontro de mulheres gordas de biquíni nas praias no período do verão (tendo acontecido em Florianópolis, Salvador e no Rio de Janeiro) bem como rodas de conversa públicas para informar o público em geral. Ações políticas, como a ocupação de mulheres gordas na praia, vem tendo repercussão da mídia nacional como de alguns dos principais canais televisivos brasileiros Rede Globo, Band e Record.

O ativismo gordo no Brasil a partir do estudo de caso desse trabalho, percebe-se a partir de influência feminista apesar de essa não ser uma característica essencial para o engajamento das mulheres gordas.

As produtoras de conteúdo para mulheres gordas entrevistadas nesta pesquisa possuem nível de escolaridade alto (de no mínimo ensino superior incompleto), o que pode auxiliar na forma como se expressam e redigem seus textos.

A autonomia na criação, tanto de conteúdo como de ativismo, se dá pelo meio da criação de redes imprevisíveis e progressivas. A ausência de controle institucional e a espontaneidade do ativismo gerado por meio dessas redes faz com que essa ideia remeta à desescolarização do conhecimento e do saber, tal como sugere Illich (1985), proporcionada pela internet (mesmo que haja conhecimento acadêmico que por vezes é utilizado por algumas ativistas). A legitimação do conhecimento sobre gordofobia se dá pelo próprio reconhecimento das gordas sobre as temáticas, selecionando-se assim as que possuem maior ressonância de forma espontânea, ampliando-as e as aprofundando.

A potencialidade de transformação social a partir das novas tecnologias, estabelecendo a constituição de uma sociedade em rede, ampliando-se a partir das inúmeras configurações sociais possíveis a partir das identidades sociais e culturais, constitui, um novo tipo de “organização social num plano geral” (Castells & Cardoso, 2005). São vários os tipos de ativismos possíveis, desde a contestação de regimes políticos inteiros até a ressignificação identitária, como no caso do engendramento do ativismo das mulheres gordas, influenciando nas políticas públicas de saúde, acessibilidade e educação. O ativismo gordo também tem possibilidade de influência na transformação de currículos educacionais formais, já tendo ressonância em cursos de

ensino superior da área da saúde, em especial de nutrição.

A militância anti-gordofóbica trata-se de um processo de desescolarização do saber sobre saúde relacionado aos corpos e de desescolarização dos próprios corpos. Apesar de não ser contra o saber institucionalizado, demonstra uma alternativa e a necessidade de uma outra relação entre os saberes escolarizados e os movimentos sociais que já vem sendo estabelecida há mais tempo entre teorias étnico-raciais acadêmicas e o movimento negro.

As redes da internet não são necessariamente sinônimo de liberdade como coloca Castells. Em especial, o *Facebook*, cria falsas realidades por meio das “bolhas” de interesse. Mesmo assim, proporcionam de maneira ampla a troca de informações e a construção de conhecimento a partir do diálogo e troca coletiva entre indivíduos com os mesmos interesses. No entanto, a administração final de controle de conteúdos compartilhados por pessoas gordas se concentra na empresa Facebook, responsável por decidir o que é considerado ofensivo, fraude, assédio ou propriedade intelectual.

A internet se delinea como uma possibilidade tanto como meio para estabelecimento e organização dos movimentos sociais contemporâneos quanto como meio educativo.

10. Referências

ABREU, Rosane de Albuquerque dos Santos. **Internet e Educação**: um panorama da produção acadêmica brasileira. In: A Internet na Prática Docente: Novos Desafios e Conflitos para os Educadores. Tese de doutorado 2003.

AHIMA, Rexford S.; LAZAR, Mitchell A. **The health risk of obesity – better metrics imperative**. Perelman School of Medicine, University of Pennsylvania, Philadelphia: Science, August 2013, Vol. 341. Disponível em: <http://www.commed.vcu.edu/Chronic_Disease/Obesity/2014/RethinkingBMI.pdf>

Acesso em: 13 de junho de 2015.

ALENCAR, Marcella. “Corre gordinha” – Sobre exercitar-se sendo gorda e superar julgamentos. Blog As gordas. 1 de dezembro de 2015. Disponível em <https://asgordas.wordpress.com/2015/12/01/corre-gordinha-sobre-exercitar-se-sendo-gorda/> Acesso em 15 de dezembro de 2015.

ALVAREZ, Sonia E. **Para além da sociedade civil**: reflexões sobre o campo feminista.

Cadernos Pagu 2014 (43), janeiro-junho de 2014:13-56. ISSN 0104-8333

ARRAES, Jarid. Gordofobia como questão política e feminista. Disponível em <http://revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politica-e-feminista/> 2014

BELLO, Luíse. Feministas de internet, sim! Onde mais nós estaríamos? 18 de dezembro de 2014. Disponível em <http://youpix.virgula.uol.com.br/columnistas/feministas-de-internet-sim-onde-mais-nos-estariamos/> Acesso em 3 jan. 2013.

BORDA, Fals Orlando. **Pela práxis**: o problema de como investigar a realidade para transformá-la. Simposio Mundial de Cartagena, Crítica y política en ciencias sociales, Bogotá, Punta de Lanza-Universidad de Los Andes, Vol. I, pp. 209–249. 1978

BRANDÃO; TEIXEIRA. **Internet e democratização do conhecimento**: repensando o processo de exclusão social. 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. A obsolescência da educação. Youtube, 7 abr. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eb0cNrE3I5g> Acesso em 6 de jun. 2017.

CASTELLS, Manuel. Entrevista Manuel Castells: internet e inclusão. Youtube, 16 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ad7IGk19xDk> Acesso em 7 jan. 2016.

CASTELLS, Manuel. Escola e internet: o mundo da aprendizagem dos jovens. Youtube, 12 jan. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J4UUM2E_yFo Acesso em 10 jun. 2017.

CASTELLS, Manuel. O poder da juventude é a autocomunicação. Youtube, 23 abr. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0L9c2h0TTLo> Acesso em 10 jun. 2017.

Campanhas feministas na internet aumentam número de denúncias no 180. 30 de novembro de 2015. Revista Fórum On-line Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2015/11/30/campanhas-feministas-na-internet-aumentam-numero-de-denuncias-no-180/> Acesso em: 3 ago. 2016

COSTA, Ana Alice Alcantara; PINHEIRO, Clarice Costa. Desafios da linguagem no diálogo dos estudos feministas com os movimentos sociais. Florianópolis. In: Revista Estudos Feministas maio-agosto 2013.

DUARTE, Gabriele. Movimento “Vai ter gorda na praia, sim” chega a Florianópolis neste domingo. Jornal Diário Catarinense *on-line*. 12 de fevereiro de 2016. Disponível em <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2016/02/movimento-vai-ter->

[gorda-na-praia-sim-chega-a-florianopolis-neste-domingo-4973923.html](http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2014/10/diarista-e-impedida-de-assumir-cargo-publico-por-ser-considerada-obesa.html?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1) Acesso em fev 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra.

FREITAS, Clara Maria Silva Monteiro ET AL, O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.3, p.389-404, jul./set. 2010

G1 Rio Preto e Araçatuba, 14 de outubro de 2014. Diarista é impedida de assumir cargo público por ser considerada obesa. Disponível em http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2014/10/diarista-e-impedida-de-assumir-cargo-publico-por-ser-considerada-obesa.html?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1 Acesso em 4 jan 2015

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIUSTI, IRAN. 15 frases que revelam que o preconceito contra os gordos é real. 22 de abril de 2015 Disponível em: <http://www.buzzfeed.com/irangiusti/15-frases-que-revelam-que-preconceito-contr-gordos-e-real#.mjb7QzOKnG> Acesso em: 14 de março de 2016.

GOMES; SANTOS. Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. Artigo apresentado no Eixo 1 – Educação, Processos de Aprendizagem e Cognição do VII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura realizado de 20 a 22 de novembro de 2013.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis: Vozes, 1985.

LEWGOY, Bernardo. A invenção da (ciber)cultura Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço The invention of (cyber)culture Virtualization, aura and post-traditional ethnographic practices in the cyberspace. 2009

LUPTON, Deborah. The Social Construction of Medicine and the Body. **In Handbook of Social Studies in Health Medicine**. London: SAGE, 2000. PPS 50-63

MARIE CLAIRE, Revista. Contra os padrões fitness, vídeo mostra mulheres “reais” praticando esporte. 13 de janeiro de 2015. Disponível em Acesso em <http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2015/01/contr-os-padroes-fitness-video-mostra-mulheres-reais-praticando-esporte.html> 10 mai 2017.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 67-92, jun. 2010.

MARANHÃO, Fabiana. Com redes sociais, denúncias de violência contra mulheres aumentam 40%. UOL, SÃO Paulo, 4 de dezembro de 2015. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/12/04/denuncias-de-violencia-contra-mulher-pelo-disque-180-aumentam-40-este-ano.htm#fotoNav=1> Acesso em jan 2017.

MAZON, Marcia da Silva. “A transição nutricional e a sua sociologia: o dilema alimentar no século XXI.” In: Novas práticas alimentares no mercado global. Florianópolis, UFSC, 2010.

NESTLE, Marion. **Safe food: the politics of food safety.** 2011

NETO, Cidália de Lourdes Pereira. O papel da internet no processo de construção do conhecimento. Tese Mestrado em Ciências da Comunicação – Comunicação, Cidadania e Educação. 2006.

PATEMAN, Carole. **A revolução sexual.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1993.

PEREIRA, Clara Isabel. Suicídio: fatores de risco – intervenção médica. 22 de outubro de 2012. Disponível em: <http://medifoco.com.br/suicidio-fatores-de-risco-intervencao-medica/> Acesso em: 7 de março de 2016.

POLLY. Só estou preocupada com a sua saúde. Site Lugar de mulher. 21 de novembro de 2014. Disponível em <http://lugardemulher.com.br/so-estou-preocupada-com-a-sua-saude/> Acesso em jan. de 2015.

POLLY. Vai sim, gordinha! In: Site Lugar de mulher. 8 de agosto de 2014. Disponível em: <http://lugardemulher.com.br/vai-sim-gordinha/> Acesso em junho de 2015.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologia da obesidade.** Editora Senac, São Paulo, 2013.

REGINA, Alexandrina Vitória. Gordofobia não é uma questão de saúde. 2013. Disponível em: <http://womansplaining.com.br/2013/09/10/gordofobia-nao-e-uma-questao-de-saude/> Acesso em 10 jun. 2016.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384446117_ARQUIVO_CristianoRodrigues.pdf Acesso em: 8 de março de 2016.

SANTOS, Boaventura. **Crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2007.

SYKES, Heather. (2011). **Queer Bodies: Sexualities, Genders & Fatness in Physical Education.** New York, Peter Lang.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. O corpo e a arte de se embelezar do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

11. Apêndices

Apêndice A

Roteiro de entrevista – Perfil das autoras

- Qual é o seu nome completo?
- Quantos anos você tem?
- Você é: a) Homem b) Mulher c) Outro
- Qual é seu grau de escolaridade?
- Se você faz ou fez faculdade, qual é/foi seu curso?

Qual é a sua renda mensal?

Se você trabalha, qual é a sua profissão?

Você possui carteira de trabalho assinada?

Qual é o grau de escolaridade d@s suas/seus guardiãs/guardiões legais? (pai, mãe, avó, avô, tio, tia, etc)

O que você faz em seu tempo livre?

Onde você nasceu? (cidade, estado, país)

Onde você reside? (cidade, estado, país)

Estado civil:

Como você se considera em relação à cor/raça?

Tem filh@s? Se sim, quant@s? Quantos anos el@s tem?

Quantas pessoas residem em sua casa?

Você participa de algum movimento social?

Se sim, qual?

O que você tem costume de ler?

Na internet, quais sites utiliza para se informar?

Que sites sobre corpo positividade costuma acessar?

Está vinculada a algum partido político ou grupo político?

Você se considera gorda?

Você se considera (hetero, bi, homo, outro)

Você tem religião?

Se sim, qual?

Apêndice B

Roteiro de entrevista – Desenvolvendo o envolvimento com a temática anti-gordofóbica

- Você se considera feminista? Se sim, como começou sua militância feminista?
- Como surgiu sua aproximação com o tema de gordofobia?
- Está vinculada a algum tipo de feminismo? Se sim, com qual tipo de feminismo ao qual está vinculada?
- Como foi a decisão de criar o coletivo/página/grupo na internet?
- Como uma mulher pode entrar no coletivo? De que atividades participa?
- Você conhece as páginas “Lugar de Mulher”, “Gorda e Sapatão”, “Gordativismo”, “Não sou exposição”, “Precisamos falar de gordofobia”, “Beleza Sem Tamanho” e a coluna da Jarid Arraes na Fórum on-line?
- Como funciona a troca de informações com outras mulheres gordas? Na internet? Pessoalmente? Por meio de reuniões?
- Que temas sobre gordofobia busca priorizar em sua página?
- Participa de algum grupo de apoio? Já frequentou análise (psicóloga/o)? Conte um pouco sobre as formas que encontrou para lidar com o preconceito que sofre sendo gorda.
- Que tipo de críticas você recebe?
- O que você responde às pessoas que criticam a página?

- A criação da página a ajudou a encontrar pessoas ligadas à luta anti-gordofóbica? Você se comunica frequentemente com mulheres que estão nesta militância?
- Quais vantagens você vê em usar a internet como ferramenta de disseminação de informação?
- Qual você acha que é o perfil das leitoras? (Trata-se de mulheres feministas, brancas, negras, de classe baixa/média/alta?)
- Se você fez algum curso universitário, qual foi esse? Ele te influenciou na aproximação do tema?
- Peço, para finalizar, que realize uma breve reflexão sobre gordofobia, saúde e a sociedade atual (Max. 10 linhas)